

SIMPÓSIO 25

DEMONSTRAÇÃO DOS USOS, NORMAS
E IDENTIDADES LINGUÍSTICAS LOCAIS

COORDENADORES

Sebastião Elias Milani
(Universidade Federal de Goiás)

Daniel Marra da Silva
(Instituto Federal do Tocantins)

FATOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS CONSTATADOS NA PESQUISA DO ATLAS LINGUÍSTICO DE GOIÁS – ALINGO

Sebastião Elias MILANI¹
Daniel Marra da SILVA²

RESUMO

O ALINGO- Atlas lingüístico de Goiás: léxico-fonético é um dos resultados de uma pesquisa financiada pela Fundação de amparo a pesquisa de Goiás – FAPEG, liderada pelo professor Sebastião Elias Milani, com a parceria dos Professores Tânia Ferreira Rezende e Daniel Marra da Silva. Publicado no início de 2015, traz os dados léxico-fonéticos representativos de todas as partes do estado. Goiás foi ocupado em diferentes levas de imigrantes portugueses e seus escravos e emigrantes bandeirantes paulistas e mineiros, boiadeiros maranhenses, baianos e piauienses, candangos baianos e cearenses, construtores de Brasília, e sulistas plantadores de soja, recentemente. As contribuições lingüísticas desses grupos são distintas. A contribuição bandeirante foi mais volumosa, por isso ocupou todo o estado e se consolidou como a forma falada de prestígio. Goiás é o Centro do Brasil, por isso essas contribuições têm fronteiras, pelas quais seus falantes chegaram, e onde estão bem marcadas. Do sul para o norte do estado a contribuição bandeirante genericamente chamada de Caipira. Do Norte e Noroeste do estado até o entorno do Brasília a contribuição de boiadeiros e candangos, variantes nortista e nordestina. Nesse texto, apresentam-se análises das incidências dos fonemas /R/, /l/ pós-vocálicos. Eles apresentam um número alto e regular de alofones, que se diferenciam em quantidade dependendo se o ponto de coleta se localizava mais próxima de uma fronteira ou de outra.

PALAVRAS-CHAVE: ALINGO; fronteiras; fonologia; fonética; metaplasmos.

Introdução

A presença dos diferentes traços fonéticos das variantes brasileiras permite conjecturas históricas e geográficas e permite também demonstrar a verdade da

1 Universidade Federal de Goiás (UFG), Faculdade de Letras – Departamento de Linguística e Língua Portuguesa- DELP. Endereço: Estradas dos Colibris, 287. Parque dos Cisnes – Goiânia-GO. Brasil. Cep.: 74691620. Email: sebas@ufg.br

2 Instituto Federal do Tocantins (IFTO), Campus Palmas, Curso de Letras. Endereço: AE 310 Sul, Avenida LO 05, s/n, Plano Diretor Sul, Palmas - TO, Brasil. Cep.: 77021-090. Email: danielmarra@ifto.edu.br

formação da população do estado de Goiás. Historicamente Goiás foi povoado por levas de brasileiros, em diferentes épocas, vindos do Sudeste e do Nordeste do país. Esses grupos tinham objetivos bem diferentes entre si, mas tinham em comum a obtenção de lucros com suas conquistas, por isso traziam consigo escravos, indígenas e trabalhadores livres. Marcando diferentemente as regiões do estado com suas presenças, deixaram, sobretudo nas fronteiras por onde entraram, traços linguísticos que podem descrever a historicidade da língua portuguesa brasileira goiana.

As fronteiras Norte e Leste, com o Tocantins e a Bahia respectivamente, apresentam características fonéticas, em muitos falantes, sobretudo nos mais velhos, dos alofones característicos nas regiões Norte e Nordeste do País. As fronteiras Sul e Sudeste são com o estado de Minas Gerais e caracterizam Goiás, pela emigração dos chamados bandeirantes, com os alofones constantes nas variantes paulista e mineira. A fronteira Oeste com Mato Grosso e Mato Grosso do Sul não apresentam características individualizadas ou significativamente diferenciadas de Goiás, porque eles apresentam características de povoamento muito semelhantes ao de Goiás. Obviamente o tempo e a consolidação dessas sociedades como grupos humanos fixos e volumosos vão se encarregar de mudar isso.

A execução da pesquisa para elaboração do ALINGO fez com que o grupo de entrevistadores percorresse todo o estado de Goiás. Entrevistou-se em 80 cidades, mesmo que no texto do ALINGO devessem constar 50 pontos de coleta. Traçando linhas, de uma extremidade a outra do estado de Goiás, tendo Goiânia como referência no centro, todas as fronteiras rodoviárias do estado são pontos de coleta e tiveram seus resultados incluídos na análise. Goiás tem fronteiras com seis estados, os quais pertencem a diferentes regiões do país e apresentam traços linguísticos característicos e diferentes entre si. (...) Do estado de Minas Gerais, região Sudeste, recebeu a influência dos falares caipiras, muito caracterizado pela execução do /R/ pós-vocálico como retroflexo, mas também caracterizado pela execução dos morfemas de diminutivo apocopados (MILANI et al, 2015, p. 290).

Na medida em que se podem identificar as regiões brasileiras por determinados traços alofônicos, em relação aos fonemas pós-vocálicos /R/ e /S/, na região Sudeste, nos estados de São Paulo e de Minas Gerias, predominam o retroflexo [ɾ] e o alveolar [s], respectivamente. No Rio de Janeiro, os velares [x]. No Nordeste, na Paraíba (Atlas Linguístico da Paraíba), aspirado [h] e palatalizado [ʃ], respectivamente. Em Goiás, predominam o /R/ retroflexo [ɾ] e o /S/ alveolar [s], mas nas regiões norte e noroeste do

estado, onde existe influência dos falares Nortistas e Nordestinos, encontram-se o aspirado [h] e o palatalizado [ʃ].

Verificando os dados coletados nas entrevistas para construção do *Acervo da fala goiana* nas diferentes cidades das fronteiras do estado de Goiás, podem ser estabelecidas todas as formas possíveis para certos vocábulos e marcar quais são os processos fonológicos recorrentes e fixos para a evolução dos fonemas falados. Há uma relação direta entre o alofone retroflexo [ɾ] e o alofone vocalizado [w]. O retroflexo ocorre tanto como alofone do /R/ quanto do /l/ em coda. Nas duas circunstâncias são necessárias considerações: em relação ao fonema /R/ pós-vocálico, o retroflexo é um alofone direto, muitos falantes brasileiros, das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, realizam esse alofone para esse fonema. Em relação ao /l/, ele ocorre também nessas mesmas regiões, por causa da vocalização que esse fonema apresenta.

Na situação contrária, quando o fonema de partida é o /l/, o retroflexo somente vai acontecer para aqueles falantes que vocalizam esse fonema. Essa circunstância está vinculada aos falantes que desconhecem a norma padrão por completo, muito comum nessas rodas de pessoas ouvir-se [aɾmʊ'sa]/[aɾ'mosʊ]. Provavelmente, seria possível dizer [ahmʊ'sa], mas em Goiás não foi registrado esse léxico com esse alofone em nenhuma entrevista. A hipótese mais provável é que ele seja um alofone relacionado ao retroflexo, logo, é a característica de semi-consoante do retroflexo que permitiria a pronúncia dos outros alofones do /R/ na posição de alofones do fonema /l/. Em Goiás e também em São Paulo, Paraná e Triângulo Mineiro, o retroflexo como alofone do fonema /l/ somente é possível por causa da vocalização desse fonema, que transforma a sílaba, de travada por uma consoante, para uma sílaba composta por consoante e ditongo decrescente [awmʊ'saɾ].

Deve-se se salientar o fato de o alofone retroflexo /ɾ/ ter uma identidade associada ao homem da roça, um caipira com pouca escolaridade, tido como ignorante. Ele é o retrato do povo do interior dos estados do Sudeste e Centro-Oeste, visto por esse olhar preconceituoso. Por causa dessa manifestação cultural, esse alofone, tanto para o /R/ quanto para o /l/, em certas situações pode acabar sendo evitado, substituído, sobretudo, pela vocalização /w/, que é considerada uma forma prestigiada. Isso gera muitos casos de hipercorreção do alofone retroflexo, para o alofone vocalizado.

Quanto à distribuição diatópica no estado de Goiás, o alofone aspirado, glotovelarizado, /h/, diferentemente do retroflexo /ɾ/, recobre uma área bem marcada. O retroflexo pode ser ouvido em todos os lugares do estado. Apesar dessa antiga marca

identitária pejorativa, vinculada ao indivíduo ignorante, ela passou por um processo de valorização no estado de Goiás e atualmente representa o goiano bem sucedido socialmente. Essa mudança se deve ao fato de a população do estado, generalizadamente, ter origem agrícola ou reconhecer o valor da produção do campo na origem, história, sucesso e riqueza do estado. Assim, a marca identitária do caipira é valorizada, não somente linguisticamente, mas no modo de vida das pessoas, como sua simpatia, simplicidade e generosidade.

O alofone aspirado /h/ ocupa atualmente a região onde estão localizados os bolsões de emigração nortista e nordestina, basicamente nas cidades mais antigas do norte goiano, as cidades mais jovens não apresentam essa marca fonética. Ficam bem localizadas pela proximidade com a fronteira da Bahia até o entorno do Distrito Federal. As razões básicas são as rodovias que ligam a Bahia e os estados do Norte e do Nordeste à cidade de Brasília, formando um corredor de emigração em direção à Capital Federal e de todos os brasileiros. Aliada a essa situação rodoviária atual, está o passado da construção do Plano piloto de Brasília, que atraiu muitos trabalhadores das regiões Norte e Nordeste.

Têm-se duas situações, o retroflexo é valorizado como representante da cultura goiana e o aspirado é estigmatizado como o forasteiro nortista e nordestino. Desse modo, somente usam o alofone aspirado aqueles indivíduos diretamente ligados ao Norte e ao Nordeste, descendentes diretos ou emigrantes que trouxeram consigo o sotaque. Todos os goianos querem falar do modo caipira da gente da Capital do estado: Goiânia. Ficou patente nas coletas, que jovens falam o retroflexo e evitam o aspirado. Fala-se aqui dessas regiões onde existe a incidência desse alofone gloto-velarizado como herança histórica, reforçada pela constante emigração de pessoas vindas dos estados Nordestinos em que esse alofone é prestigiado.

A cada faixa etária foram selecionados seis informantes para cada município. Idade mínima, do informante mais jovem, 18 anos. Os critérios são: ter nascido no município, ser filho de pais nascido na região, pelo menos (preferencialmente no município) e ter ali residido sempre; ter cursado o ensino, de preferência, com professores da localidade; estar em condições boas de saúde no aparelho fonador; de ambos os sexos; profissões variadas. Foram feitos esforços para preencher todas as faixas etárias e escolaridade, mas isso certamente não foi possível em todas as localidades (MILANI et al, 2015, p. 11).

Para que fique claro como foi a coleta para o ALINGO, uma vez que os resultados somente podem ser assegurados por força da qualidade da coleta, além desses traços dos informantes, citados acima, a coleta foi feita considerando três faixas etárias, de 18 a 35 anos, de 36 a 45 e de 46 em diante. Considerou-se também a escolaridade dos informantes, agrupados de acordo com os dados históricos da escolaridade brasileira: analfabetos, até 4 anos de escolaridade, até 8 anos, até 11 anos e acima de 12 anos de escolaridade. Coletaram-se dados de pessoas dos dois sexos. Porém, esses dados relativos a essas variantes sociolinguísticas não foram expostos no ALINGO, mesmo que tenham sido fundamentais para sua elaboração.

Tal fato se evidenciou nas cidades jovens, ou seja, aquelas que tiveram seu desenvolvimento demográfico muito mais recentemente, após a fundação de Goiânia, 1933. Nessas cidades, são poucos os indivíduos que emigraram do Norte e Nordeste, e o fluxo cultural partiu da Capital Goiânia, por isso o falar das pessoas é muito parecido com o da Capital. As cidades mais antigas, vinculadas à mineração e depois ao desenvolvimento agropecuário, e também aquelas que estão na área de influência direta de pessoas que passam pelas rodovias, ou seja, que estão às margens de uma rodovia, sobretudo, rodovias federais, apresentam incidência do alofone gloto-velarizado aspirado [h] pós-vocálico nas pessoas acima de 40 anos. Diz-se isso, porque na coleta do Acervo, representada no ALINGO, não se encontrou caso de falante nativo, de pais também nativos, como exigia a seleção dos informantes, mais jovem de 40 anos, que não realizasse o retroflexo na sua fala.

Realidade dos fonemas /R/ e /S/ nas fronteiras de Goiás publicado no ALINGO.

Então, nas fronteiras norte do estado e também na fronteira noroeste em que se encontra com mais facilidade fonemas pós-vocálicos /R/ glotalizado e os dentais /t/ e /d/ diante /i/ como [t] e [d], encontrou-se forte incidência de /R/ retroflexo e forte incidência de /S/ alveolarizado e também de [ʃ] e [dʒ] diante de /i/. Nas fronteiras sul e sudoeste do estado, onde predominam a produção desses fonemas de maneira oposta, encontrou-se pouca incidência no sul e forte incidência no sudoeste de glotalização de /R/ e de [t] e [d] associados ao fonema /i/ (MILANI et al, 2015, p. 291).

Os casos dos alofones, glotalização do /R/, o aspirado [h], no Sudoeste do estado, que aparece na citação, aconteceram nas cidades, pontos de coleta, nas fronteiras, especificamente por onde passam rodovias federais que cruzam o estado. Os pontos de coleta onde isso se evidenciou muito foram: Aragarças, onde fica a ponte sobre o Rio Araguaia, tendo do outro lado do barranco a cidade de Barra do Garças, no

Mato Grosso, e Bom Jardim de Goiás, cuja cidade fica a menos de 30 quilômetros de Aragarças e Barra do Garças. Mais ao sul, em direção à cabeceira do rio Araguaia, a cidade de Santa Rita do Araguaia, por onde passam muitos caminhoneiros e estradeiros, porque muitas rodovias federais e estaduais importantes para o transporte de mercadorias atravessam a fronteira para o Mato Grosso ali, pela ponte.

Estudo diacrônico da fala goiana

Para estabelecer um ponto de partida para um estudo diacrônico de um vocábulo de uma língua, é preciso dizer qual seria a forma lexical de partida. Então, qual seria a forma na expressão que fora dada pelo grupo como o nome para a idéia, o qual dera início ao processo de modificação. Como se trata de formas ainda vivas na fala cotidiana, diferente do que afirmara Saussure, essa diacronia não é irreversível, conscientemente falando trata-se de um dado sincrônico, mas se dará um tratamento metodológico diacrônico. Ou seja, neste trabalho serão analisados os dados coletados sincronicamente nos anos de 2012 e 2013, mas se fará uma análise das modificações que o tempo fez acontecer nas diferentes diastratias e diatopias.

Toda a Linguística Diacrônica tem por base a Sincrônica. Resolver um problema de História Linguística significa provar, reduzindo, por um tempo mais ou menos longo, uma dinamicidade à imobilidade, ou seja, reduzindo-a à sincronia. O que a Linguística se chama visão histórica é a fixação e a projeção diante de nós de uma situação em que ocorreu um acontecimento linguístico, por meio de uma intuição baseada nos dados disponíveis (VIDOS, 1996, p. 109).

Nos estudos diacrônicos das línguas em geral, exemplifica-se aqui com o estudo em Linguística Românica do Latim para o Português, sempre se toma a norma padrão como o ponto de partida. O que se pode teorizar é que a norma padrão englobaria todas as outras normas, ou seja, qualquer variante será sempre entendida em comparação com a norma padrão. Os exemplos da evolução metaplasmática do Latim para o português tomam a norma Clássica, que era eminentemente escrita, e se processam as transformações tidas como leis fonológicas de mudança para o latim vulgar, depois para o galego e depois para o português. Geralmente não se sabe se as formas intermediárias de fato existiram em alguma época entre a forma do latim clássico e a forma do português, muito possivelmente sim, mas o que se têm são as possibilidades de mudanças e uma sequência de mudanças obrigatórias ou possíveis.

O latim clássico apresentava cinco vogais, a saber a, e, i, o, u, sendo que cada uma dessas vogais podia ser pronunciada com duração longa ou breve. A duração era,

no caso, uma característica fonológica, ou seja, capaz de distinguir palavras e morfemas gramaticais: por esse traço pertinente das vogais, o latim literário distinguia, por exemplo, *pōpulum* (ō breve) = povo e *pōpulum* (ō longo) = choupou, *ōs* (ō breve) = osso e *ōs* (ō longo) = rosto; *lūto* (ū longo) = amarelo, e *lūto* (ū breve) = lodo (ILARI, 2002, p. 72).

Nessa citação, Rodolfo Ilari parte do latim clássico para mostrar as transformações que viriam a ocorrer no latim vulgar e, na sequência de seu livro, nas línguas românicas, entre elas o português. Nessa obra há um apêndice sobre o português brasileiro, obviamente ele fez um retorno ao português, forma original, e mostrou os diversos fatores que teriam contribuído para a formação da língua brasileira: contribuição indígena, muitas e diferentes línguas, contribuição dos 18.000.000 de africanos trazidos como escravos ao Brasil durante os três séculos de escravidão, vindos de muitos lugares na África, e a relusitanização do Rio de Janeiro, quando da vinda da Coroa em 1808.

Os alofones do /r/ em coda de sílaba nos dados do ALINGO

Observando a forma padrão *córrego*, nas cidades de Goiás ela apareceu de muitas maneiras: (MILANI *et al*, 2015, p. 30) ['kɔxegɔ] > 'kɔxigɔ > ['kɔx'gɔ] > ['kɔhɔ], ['kɔrgɔ], ['kɔrgɔ] > [kɔr'gɪ]. Não foi registrada a forma ['kɔwgɔ], mas ela existe e, frequentemente, é ouvida e pronunciada no estado. Também a forma ['kɔjgɔ] existe. No diminutivo apareceram as formas [kɔxigu'zĩɲɔ] > [kɔrgɔ'zĩɲɔ] > [kɔr'gĩɲɔ] > [kɔh'gĩ], [kɔr'gĩ], [kɔr'gĩ]. Verificando a sequência acima, vê-se que a proparoxítona é transformada em paroxítona em três etapas, a metafonía do /e/ em /i/, depois o abaixamento desse /i/ até a síncope. A partir desse ponto, atuam as origens do falante, na fronteira norte do estado e também na fronteira com a Bahia tem-se a possibilidade do alofone de coda de sílaba fortemente aspirado, gloto-velarizado, ['kɔhɔ]. Esse alofone é típico dos falares nortistas e nordestinos brasileiros e chegou a Goiás com emigrantes dessas regiões. Na fronteira sul, com Minas Gerais, tem-se predominantemente outro alofone, de origem dita caipira, típico dos estados da região Sudeste, que chegou a Goiás com os emigrantes desses estados ['kɔrgɔ].

Ainda apareceu o alofone vibrante apical ['kɔrgɔ], também típico das variantes do Sudeste, mas que também é típico em alguns estados no Nordeste. Foi registrado

somente no entorno de Brasília, região do estado que recebeu, nos últimos 50 anos, forte emigração proveniente de todas as regiões do país, mas em maior número de alguns estados, como Rio de Janeiro, Ceará e Bahia. Essa emigração é devida às circunstâncias de construção do Plano Piloto e das rodovias que começam no Distrito Federal e também de ser o Rio de Janeiro a antiga capital Federal, de onde vieram os primeiros funcionários de todas as repartições. Então, para esse fonema líquido vibrante, em coda de sílaba, têm-se três alofones registrados no léxico *córrego* na fala em Goiás: [h, r, ɾ]. São comuns mais dois alofones nos falares brasileiros: [w e j]. O [w] ficou registrado no léxico arco-íris (MILANI et al, 2015, p. 54) [arkʊ'iris], [aɾkʊ'iris] > [aɾkʊ'irilɪ], [ahkʊ'iris], [awkʊ'iris] > [aw'kʷiris] > [awkʊ'iri], que será bem explanado abaixo.

Esse alofone [w], para o léxico arco-íris, como era de se esperar, ocorreu somente nas regiões central e sul do estado, onde 100% dos nativos falam a variante dita caipira, que tem no alofone retroflexo [ɾ] sua marca mais evidente. No léxico *corcunda* também foram registrados os quatro alofones citados: (MILANI et al, 2015, p. 174) [kor'kũdʊ], [kɔɾ'kũdɐ]; [koɾ'kũdɐ], [kɔɾ'kũdɐ], [kɔɾ'kũdʊ], [kaɾ'kũdʊ], [koɾ'kũdʊ]; [koh'kũdɐ], [kɔh'kũdʊ], [koh'kũdʊ]; [kow'kũdɐ], [kaw'kũdʊ], [kaw'kũdɐ], [kow'kũdʊ]. Deve-se registrar a possibilidade desse fonema sofrer síncope, então alofone zero [Ø]: [ko'kũdʊ], [ko'kũdɐ], [kɔ'kũdʊ]. Em todos os léxicos esse fonema pode sofrer síncope, nas formas verbais, quando estão no infinitivo, a apócope ocorre em quase 100% das vezes em todas as variantes faladas no Brasil, mais a frente nesse texto serão dados exemplos. Obviamente o alofone zero no léxico *corcunda* ocorreu em variantes de falantes com pouca escolaridade, com certeza por desconhecimento da forma padrão. Assim, pode-se dizer que os outros alofones [h, r, ɾ] sejam manifestações da forma padrão, a exceção seria a vocalização [w], que se desenvolve a partir do retroflexo.

Os alofones [h, r e ɾ] estão em distribuição complementar, mas o alofone vocalizado [w] somente ocorreu associado ao alofone retroflexo [ɾ]. O fato é que o retroflexo apresenta forte traço de semivogal e é esse traço que permite a evolução para a vocalização, tanto para [w] quanto para [j]. A forma do alofone [j] não ocorre com regularidade em Goiás, não houve registro no *Acervo da fala goiana*, por isso não apareceu no ALINGO. Ela é mais comum no estado de Minas Gerais, nos falares do norte daquele estado, são dados não oficiais, mas presenciados por esse linguísta em viagens por aquela região, a exemplos: ['kojgʊ], ['pɔjtɐ]. Do ponto de vista diatópico, tanto a forma alofônica retroflexa, quanto as vocalizadas são parte da variante geral chamada caipira, que engloba, expurgadas as especificidades locais, todos os estados do

Sudeste e do Centro-Oeste e também parte da região Norte, como o sul do Tocantins e Rondônia, e da região Sul, como o Oeste do Paraná.

No entanto, deve se registrar a existência em toda a diatopia chamada caipira das formas [trej'sow] e [trej'sɔ] para o léxico *terçol*. Nesse caso, além da possibilidade da vocalização do fonema /R/ a partir da pronúncia do retroflexo, existe também a análise empírica e intuitiva dos falantes como se esse fosse um substantivo composto, com o numeral três e o substantivo sol. O numeral três é regularmente pronunciado pelos brasileiros com ['trejs]. Essa é uma doença que se desenvolve nas pálpebras e a sensação que ela provoca quando se está no sol é horrível. Ela é contagiosa, por isso é muito comum nas crianças, que passam umas para as outras ao brincarem ou somente ficarem perto, como nas escolas. Esse foi o caso que apareceu na ALINGO, que poderia ser tomado como exemplo da vocalização em [j], porém, a maioria dos falantes em Goiás já aprende esse nome com esse formato. Entretanto, apesar de a maioria ter pronunciado [trej'sow], ela apareceu pronunciada de muitas maneiras:

Terçol [teɾ'sow]	Terçol [toɾ'sow]
Terçol [teɦ'sow]	Terçol [tri'sɔli]
Terçol [teɾ'sow]	Terçol [tru'sɔli]
Terçol [trej'sow]	Terçol [tru'sow]
Terçol [trej'sɔ]	Terçol [tuɾ'sow]
Terçol [tre'sow]	Terçol [tuɾ'sow]
Terçol [tri'sow]	

(MILANI *et al*, 2015, p. 288)

Nos exemplos acima, o fonema que dera origem ao alofone vocalizado, foi o líquido vibrante. Porém, a forma vocalizada, em coda de sílaba, é o traço alofônico predominante com o fonema líquido lateral /l/. Em todas as variantes do português brasileiro o alofone vocalizado [w] predomina na execução desse fonema. É fato que ele pode fazer rotacismo com o alofone retroflexo: (MILANI *et al*, 2015, p. 96) [aɫ'kɔɫ^atrɐ] > [aw'kɔɫ^atrɐ], [aw'kɔɫ^lkɔ], [aw'kɔɫ^lkɐ], [ow'kɔɫ^atrɐ], [aw'kɔli] > [aɾ'kɔɫɐ], [ɛɾ'kɔɫ^atrɐ]; [a'kɔɫɐtrɐ], [ɐko'lizmɔ]; e (idem, p. 112) [aɫ'fɔʒɪ] > [aw'fɔʒɪ], [aw'fɔɾʒɪ], [aw'fɔʒɐ] > [aɾ'fɔʒɐ], [aɾ'fɔʒɪ], [a'fɔʒɪ]. Com o léxico *alfoge*, ocorreu uma pronúncia glotovelarizada, numa cidade dentro da hipoglossia da fronteira com a Bahia: [ah'foʒɐ]. Isso não torna o aspirado [h] alofone do fonema [ɦ], mas forma um par suspeito com o alofone retroflexo [ɾ].

Muitos exemplos do ALINGO demonstram os processos descritos acima: [es'keɾɔ], [is'keɾɔ], [is'kehɔ]; ['faɾtɐ ɔʒi'vistɐ], ['vistɐ 'kuɾtɐ], ['vistɐ 'kuhtɐ];

[kũvehsɐ'do], [kũveɾsɐ'do]; [ĩva'zoɾ], [ĩva'zoh]; ['kohnu], ['koɾnu], colocam o retroflexo e o aspirado - gloto-velarizado - como alofones. Nas formas *mau pagador* ['maw pagɐ'do], ['maw pagɐ'dot], ['maɾ pagɐ'dot], *almas* ['awmɐ], ['awmɐs], ['aɾmɐ], *vulto* ['vuwtu], ['vuɾtu], *altar* [aw'ta], [aw'taɾ], [aw'tah], [aɾ'taɾ] e *calçada* [kaw'sadɐ], [kaɾ'sadɐ], a distribuição complementar, muitas vezes livre, entre o alofone vocalizado [w] e o retroflexo [ɾ] fica demonstrada. Em *pagador* ['maw pagɐ'do], *conversador* [kũveɾsɐ'do], *altar* [aw'ta], a apócope do fonema líquido vibrante permite que se fale em um alofone zero. Em *salto mortal* ['sawtu mor'taw], ['sawtu moɾ'taw], ['sawtu moh'taw], ['saɾtu moɾ'taw] existem exemplos dos dois casos de distribuição complementar já explanados.

Formam pares suspeitos ['maw] e ['maɾ], ['awmɐ] e ['aɾmɐ], ['vuwtu] e ['vuɾtu], [aw'tah] e [aɾ'taɾ]. Em [aw'tah] e [aɾ'taɾ], o retroflexo na primeira sílaba faz par com a vocalização e na segunda, com o aspirado-gloto-velarizado. Em *mortal*, na primeira sílaba não ocorreu a vocalização, nem seria natural da fala em língua portuguesa brasileira, porque a segunda sílaba, que é a tônica, está composta por uma coda vocalizada. Porém, *mortal* [moɾ'taw] poderia sofrer apócope, tornando-se [moɾ'taØ], com alofone zero. Como se mostrou acima, isso acontece muito frequentemente com todos léxicos que tenha alofone retroflexo e vocalizado em coda na sílaba final e também pode ocorrer em coda das outras sílabas.

Em quase todos os pontos onde essa forma ocorreu, eles se vinculam à dispersão da fala oriunda do Nordeste brasileiro. Estão, ou na fronteira com a Bahia ou no entorno do Distrito Federal, onde essa forma é previsível de acontecer: Campos Belos, Posse e São Domingos, Formosa, Alto Paraíso, São João d'Aliança. As cidades, onde ocorreu essa forma e não seria, em princípio, previsível, foram Aragarças, Bom Jardim, Aruanã e Santa Rita. Entretanto, quando se analisa os dados coletados em Aragarças e Bom Jardim, que são municípios vizinhos, vê-se que essas formas com o /R/ pós-vocálico gloto-velarizado são bastante comuns. Somente Aruanã estaria fora de qualquer uma dessas condições (MILANI et al, 2015, p. 298).

No léxico *alvorada*, ficou registrado o mesmo processo já descrito. O fonema /l/ apresenta três alofones: [w, ɾ, Ø]. De fato, existe a oposição entre vocalização e retroflexia, quando os alofones são do fonema /l/. A forma [ɛwvo'radɐ] ocorreu em todas as partes do estado, em quase todos os pontos de coleta. É um léxico muito comum em letras de música sertanejas, por isso as pessoas conhecem essa pronúncia, comum aos goianos. No léxico *agricultor*, na segunda sílaba em que existiu o fonema

/h/, ele somente apareceu com os alofones [w] vocalizado e [Ø] zero, nem a forma alveolarizada [t̪], que seria inesperado, nem a forma retroflexa [ɐgrikʊʔtoɾ], muito comum na fala dos goianos, nem a forma gloto-velarizada [h]. Nos grupos onde ela seria esperada, apareceu somente o alofone [Ø] zero: [ɐgrikʊ'toh].

Esse é um caso interessante de dissimilação de fonemas. Essa pronúncia aconteceu em Cristalina, no entorno de Brasília, área onde existe a incidência desse alofone. A pronúncia hipotética e imaginável para essa situação seria [ɐgrikoh'toh]. Não aconteceu caso semelhante a essa hipótese, por nenhum informante entrevistado, em que em um mesmo léxico aparecesse duas vezes esse alofone. Ele tem uma complexidade de pronúncia considerável por isso a presença de um por vocábulo. Então, a explicação aceitável é a de dissimilação entre os dois alofones. A dissimilação provavelmente teria feito o alofone da sílaba átona sofrer síncope e o da sílaba tônica permanecer: [ɐgrikʊ'toh].

A forma *arco da velha*, sinônimo religioso para arco-íris, apareceu três vezes nas entrevistas sempre dita por pessoas da última faixa etária. Com a forma alofônica alveolarizada ['aʔkʊ dɐ'vejɐ] apareceu dita por uma pessoa de baixa escolaridade, e o retroflexo ['aʔkʊ dɐ'velɐ], pronunciada por uma pessoa de alta escolaridade, e ['aʔkʊ dɐ'vejɐ], pronunciada por uma pessoa de baixa escolaridade. Obviamente, no primeiro caso [t̪] foi uma hipercorreção da fala. Nos outros casos, os falantes pronunciaram como o fazem no dia-a-dia, com o retroflexo. De fato, não haveria de acontecer a vocalização ['awkʊ] como alofone nesse caso, mas ela seria mais plausível como hipercorreção do que a forma alveolarizada. Arco da velha é uma referência ao acordo de Noé com Deus para que não houvesse mais dilúvio: *arco da velha aliança*. Essas três ocorrências aconteceram no sul do estado, onde predomina a hiperglossia caipira.

A forma padrão para o léxico *calcanhar*, quando da implantação do português no Brasil, devia ser [kaʔkɐ'ɲa], pronúncia ainda existente em Portugal, que pode ser encontrada no Brasil na fala de pessoas da terceira faixa de idade. Na coleta para o ALINGO, foi registrada uma forma aproximada [kaʔkɐ'ɲa], com a apócope do /R/, falada por um informante de 60 anos na cidade de Cristalina. As pronúncias encontradas são variantes dessa forma padrão. Como alofones do /h/ em coda de sílaba apareceram [r, h, ʔ, w]: [karke'ɲa], [kahke'ɲa], [kaʔke'ɲa], [kawke'ɲa]. Em Goiás, e em toda hiperglossia caipira, a forma predominante é a vocalizada [kawke'ɲa] e [kawkɐ'ɲa]. Como se supôs acima, ela é que torna possível a variante retroflexa [kaʔke'ɲa], pelos traços vocálicos que esse alofone apresenta. As outras duas formas [karke'ɲa],

[kahkɐ'ɲa] podem ser pensadas de duas maneiras, como alofones em rotacismo com /ʎ/ ou como alofones construídos a partir dos traços de consoantes do retroflexo.

No primeiro caso, o rotacismo /ʎ/ versos /r/ teria ocorrido em tempos anteriores à vocalização /w/. O fato é que em latim vulgar esse rotacismo existia e continua existindo como consoantes em cabeça de sílaba, mas em coda de sílaba esse rotacismo parece não existir, uma vez que todas as variantes brasileiras vocalizam o /ʎ/ nessa posição. Como a aparição do retroflexo /r/ somente acontece na variante caipira e essa é vocaliza sempre, pode-se levantar a hipótese do retroflexo, como semiconsoante ou semivogal, fazendo rotacismo com a vocalização, que é semiconsoante ou semivogal. Exemplos muito comuns entre o povo goiano são as formas [maw'mʲtɐ] para *marmita* e ['gawfo] para *garfo* e [ɐr'mõkɐ] / [ar'mõkʲɐ] para *almôndega*. Como foram demonstrados acima, muitos exemplos apareceram na coleta para o ALINGO, que estão no *Acervo da língua falada em Goiás*.

A pergunta era sobre chás, o objetivo era que a pessoa falasse o léxico *erva cidreira*, é um dos chás mais comuns entre os goianos e também em outros estados do Brasil. Quase todos os entrevistados se lembraram de falar, a maioria disse ['ɛrvɐ si'drɛrɐ] como era esperado. Um dos entrevistados, na cidade de Posse, disse ['ɛrvɐ si'drɛrɐ], ele realizou esse alofone em todas as suas repostas. Nas cidades de Nova América e Ceres, ambas na região central do estado, próximas uma da outra, ocorreram com falantes da última faixa etária, a resposta ['ɛwvɐ si'drɛrɐ] (MILANI *et al*, 2015, p. 79). Esse é um caso em que a forma padrão é com o fonema /R/. A forma com o alofone vocalizado [w] é uma hipercorreção, provavelmente provocada pelo valor pejorativo que o retroflexo tem, considerado falar de caipiras e roceiros.

Outro exemplo é *Volta do dia* ['vɔrtɐ dɔ'dʒiɐ]. Supostamente a forma padronizada *volta* estaria na base da pronúncia do alofone retroflexo. O processo nesse caso é o da transformação do alofone /w/ vocalizado no alofone retroflexo /r/. Essa expressão ocorreu em Corumbaíba, no sul do estado, localidade em que o alofone retroflexo é predominante. Foi dito por um senhor de 43 anos, com 4 anos de escolaridade, ele provavelmente aprendeu dessa maneira esta expressão, que significa a passagem da manhã para a tarde, ou como a maioria falou *meio dia*. A forma lexical já é assimilada com o retroflexo como alofone para o fonema /ʎ/. Certamente existiu a história da transformação da vocalização em retroflexo, mas os usuários da expressão não têm isso na memória. Devido à baixa escolaridade, esse falante jamais conseguirá fazer o percurso na direção da retomada da forma padronizada com a vocalização /w/.

A variação do fonema /R/ quando é coda da última sílaba de um léxico. São poucas as palavras que, quando terminadas com o fonema /R/, não sejam oxítonas. Foram registrados três alofones para esse fonema no léxico *calcanhar* [Ø (zero), ʀ, h]. Não se teve registro do alofone apical [r] nesse léxico, e a vocalização [w] nessa posição nunca foi ouvida, em nenhuma forma lexical, e seria extremamente fora do padrão da língua. Deve ser observado que os fonemas nasais e nasalizados não interferem na realização desses alofones, tanto em coda de sílaba, quanto na coda do léxico: [kawkɐ'ɲa], [kawkẽ'ɲa], [kawkɐ'ɲaʀ], [kawkẽ'ɲaʀ], [kawkẽ'ɲah], [kaʀkɐ'ɲaʀ], [kaʀkɐ'ɲa], [kaʀkẽ'ɲa], [kahkɐ'ɲa], [kahkẽ'ɲa], [karɐ'ɲa], [kaʀlkɐ'ɲa] (MILANI *et al*, 2015, p.151).

O léxico *inverno*, que significa períodos chuvosos nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, apresentou dois alofones para o /R/, o retroflexo [ʀvɛɾɲʊ] e o aspirado [ʀvɛhnʊ]. O aspirado ocorreu nas cidades São João d'Aliança, Bom Jardim, Campos Belos, Luziânia, Cristalina, Posse, São Domingos. A exceção é a cidade de Bom Jardim, as outras ficam na fronteira com a Bahia ou no entorno de Brasília, onde ele é comum. O falante de Bom Jardim que disse esse alofone tinha 70 anos, sem escolaridade oficial, cujos pais tinham emigrado para a região adultos. Bom Jardim fica próxima a Aragarças, fronteira rodoviária com Mato Grosso, rodovia que corta de Brasília até o Acre. Entrevistaram-se vários falantes que apresentavam traços fonéticos típicos do entorno de Brasília e inesperados para aquela região, porém típico de localidades fronteiriças onde param muitos viajantes, onde muitos são emigrantes de regiões distantes.

O léxico *orvalho* apresentou um número surpreendente de variações. No tocante ao fonema /R/ em questão nesse artigo, apresentou a mesma variação que os outros léxicos apresentaram: [h, ʀ, r]. O alofone [h] aspirado apareceu no entorno de Brasília e na fronteira noroeste com a Bahia, onde era de fato esperado. O alofone [r] apareceu nas cidades de Posse e Planaltina, a mesma região do [h]. As duas incidências foram em mulheres de meia idade, uma com curso superior e outra com 8 anos de escolaridade. Em mais de um léxico esse alofone apareceu nessas regiões, apesar de ser incomum, foram encontrados poucos falantes que o usam. O retroflexo [ʀ], como era de se esperar, apareceu em todas as regiões do estado, sempre na ampla maioria dos cidadãos de todas as localidades.

Quando se considera a forma [or'vaɫʊ] como forma de partida, ela é sincronicamente ativa em Goiás, o número de falantes que a usa é pequeno e está vinculado ao nível superior da academia, como foi o caso de uma

informante professora aposentada da cidade de Orizona. O mais comum é que o abaixamento para [ɔ] provoque uma parcial despalatalização, mantendo o traço de líquida lateral, compondo uma forma consonantal ditongada [lʲ]: [or'val'ɔ]. Essa é a forma mais comum de pronúncia da líquida lateral palatalizada nessa variante e em muitas outras variantes do português brasileiro (MILANI et al, 2015, p. 274)

O léxico *bar* também apresentou três variantes: [h] ['bah], [ɾ] ['baɾ], [Ø] (zero) ['ba]. Como já se demonstrou acima, o fonema em coda de vocábulo pode sofrer apócope e esse alofone zero ocorre com todos os falantes, modificando em muito pouco a variante sociolinguística nível de escolaridade. As outras variantes sociolinguísticas em questão não geram nenhuma modificação. A apócope é um fato consistente na história da língua portuguesa, e nenhum fator impede ou modifica a apócope do fonema /R/. Acontece com substantivos, adjetivos e verbos. Também ocorre com fonemas vocálicos na composição de ditongo: ganhou bebê [ga'ŋo be'be], [gaĩ'o be'be] e [gaĩ'o nẽ'ne], [gãĩ'o nẽ'ne].

Apareceram nos dados do ALINGO, sempre os três alofones [h, ɾ, Ø], com os léxicos: *agricultor* [ɐgɾikuw'to], [ɐgɾiku'toh], [ɐgɾikuw'toɾ], *lavrador* [lavɾe'do], [lavɾe'doh], [lavɾe'doɾ], *entardecer* [ẽtaɾde'seɾ], [ẽtaɾde'se], [ĩtahde'se], *escurecer* [iskure'se], *amanhecer* [ɐmẽje'seɾ], [ɐmẽje'se], [mẽje'seɾ], *clarear* [klare'a], [klare'aɾ], *máquina de moer* ['makine dʒi'moeɾ], ['makine dʒimo'e], *moedor* [moe'do], [moe'dor], *batedor* [bate'do], [bate'doɾ], [bate'do dʒi'pasto], *beija-flor* ['bejzɐ'flo], ['bejzɐ'floh], ['bejzɐ'floɾ], *molar* [mo'la], [mo'lah], [mo'laɾ], *vomitar* [gumi'ta], [vomi'ta], [vumi'ta], *falador* [falɐ'do], [falɐ'doɾ], [falɐ'doh], *benzedor* [bẽze'do], [bẽze'doɾ], [bẽze'doh].

O léxico *bebedouro* [bebe'do], [bebe'doh], [bebe'doɾ] sofreu processos fonológicos anteriores que produziram a possibilidade da apócope do fonema /R/, gerando o alofone [Ø]. O primeiro processo foi a monotongação [bebe'dorɔ], em seguida a apócope do fonema vocálico final, que gera as formas [bebe'doh] e [bebe'doɾ], finalmente a apócope do alofone líquido vibrante. Esses três léxicos: *matador* [matɐ'do], *torcedor* [toɾse'do], *chuva de flor* ['ʃuvɐ dʒi'fro], somente apareceram com o alofone [Ø]. Provavelmente um traço semântico vinculado aos léxicos, devem ser usados com raridade, significam respectivamente assassino, rodamoinho e granizo, e são usados provavelmente apenas assim.

O léxico *pernilongo* apresenta o fonema /R/ na posição pré-pretônica, mas isso não muda as possibilidades dos alofones manifestados. Nesse vocábulo há muita variação nas vogais, mas os alofones [h, ɾ] continuam e se associam a todas as

possibilidades de vogais. Apareceram na coleta e estão no ALINGO (p. 141): [pɛɾnɐ'lõgɔ], [pɛɾne'lõgɔ], [pɛɾni'lõgɔ], [pehni'lõgɔ], [pɛhni'lõgɔ], [pɛɾne'lõgɔ], [pɛɾni'lõgɔ], [pɛɾne'lõgɔ], [piɾni'lõgɔ], [pihni'lõgɔ]. Às vezes, as pessoas brincam e falam em [pewni'lõgɔ], evidentemente elas reconhecem pela intuição na língua que existe a possibilidade dessa hipercorreção. Não se pode garantir que isso não ocorra na fala das pessoas menos escolarizadas. Não é assunto nesse artigo, mas algumas dessas formas têm nas mudanças vocálicas fenômenos de hipercorreção, por exemplo, [pɛɾnɐ'lõgɔ].

Conclusão

São traços históricos importantes para a formação do povo goiano, sobretudo, linguisticamente, a emigração paulista, mineira e portuguesa, chamada de os *bandeirantes*, que contribuíram com o alofone retroflexo [ɾ] para o fonema /R/ e a vocalização [w] para o fonema /ʎ/. A emigração nortista e nordestina veio em duas grandes importantes levadas de pessoas, a primeira é chamada de *boiadeiros*, a segunda é chamada de *candangos*. Essa contribuiu com o alofone aspirado – gloto-velarizado – [h] para o fonema /R/ e trouxe consigo a possibilidade da vocalização [w] do fonema /ʎ/ e o apical [r] para o fonema /R/.

São muitos séculos de história, a emigração bandeirante tinha objetivo de explorar riquezas minerais e também de povoar a região, por isso sua presença, apesar de criticada como depredatória, é extremamente significativa e está na base da formação da população: a grande maioria da população de Goiás tem raízes familiares em Minas Gerais e São Paulo. Deve-se considerar a decisiva interferência dos meios de comunicação básicos, que são sediados no Sudeste do país, que são majoritariamente falados na variante do Sudeste, já muito diferente daquela dos bandeirantes, mas bem mais próxima da falada em Goiás, do que aquela dos Nortistas e Nordestinos.

A emigração nortista-nordestina dos boiadeiros não foi tão numerosa e já encontrou uma população ocupando os espaços. Mesmo tendo contribuído largamente para a formação econômica do estado, modificou pouco a forma de falar. Somente nas partes do estado em que ocorreram reforços de emigração dessas regiões é que os traços fonéticos daqueles falares aparecem evidentemente. Nas outras partes do estado, vez ou

outra, detecta-se algum traço fonético desses falares, na maioria das vezes em vogais médias. Os reforços de emigração de que se falou, ocorreram na construção do Plano Piloto de Brasília nos anos de 1950 e de 1960 e a natural troca de cidadãos que os estados fazem em suas fronteiras, nesse caso, fronteira de Goiás com a Bahia.

O estado apresenta os alofones [h, ʁ, r, Ø e w] para o /R/ em coda e os alofones [ʁ, w, ʁ, Ø] para o fonema /ʁ/. O que deve ser evidenciado nessa conclusão é a relação entre os alofones [w e ʁ] para os dois fonemas. Eles se equivalem e formam par em rotacismo, por causa dos fenômenos de hipercorreção que atingem os dois fonemas. O que também deve ser evidenciado é o forte traço de semivogal do retroflexo que permite que ele seja avaliado pelos falantes com as mesmas características do alofone vocalizado [w] que se comporta com semivogal, mas que tem no seu interior a condição de semiconsoante, como tem as semivogais dos ditongos, crescente e decrescente, do léxico em língua portuguesa e brasileira.

Finalmente, esses alofones têm áreas de incidência bem definidas em Goiás. O que se conclui, e já apareceu em outros artigos desses mesmos autores, é que, devido ao reforço cultural de valorização das raízes econômicas e populacional do estado, o retroflexo [ʁ], juntamente com as outras características da hiperglossia chamada caipira, predominará e excluirá cada vez mais as outras possibilidades de fala dentro das fronteiras de Goiás.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aragão, Maria do Socorro Silva de. *Atlas Linguístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPQ, 1984.

Ilari, Rodolfo. *Linguística Românica*. São Paulo, Ática, 2002.

Milani *et al.* *ALINGO – Atlas Linguístico de Goiás: léxico-fonético*. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2015.

Vidos, Benedek Elemér. *Manual de lingüística românica*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Amaral, A. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, 1981.

Aragão, Maria do Socorro Silva de. *Atlas Linguístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPQ, 1984.

Brandão, S. F. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

Callou, Dinah & Leite, Yonne. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

Carvalho, Dolores Garcia e Nascimento, Manoel. *Gramática Histórica*. São Paulo: Ática, 1969.

Elia, Silvio. *Preparação à lingüística românica*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico S. A., 1979.

LAUSBERG, Heinrich. *Linguística românica*. Lisboa: Calouste Gulbernkian. 1962.

Milani, S. E. “Historiografia de Saussure: Curso de Lingüística Geral”. Uberlândia/UFU, Revista LETRAS & LETRAS, 2009, v. 25.

Milani, S. E. “Platão: nomear é uma ação”. In.: SIGNO. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2011.

Milani, Sebastião Elias. *A Historiografia Linguística de Ferdinand de Saussure*. Goiânia: Kelps, 2011.

Milani, S. E. *Aspectos Historiográfico-linguísticos do Século XIX: Humboldt, Whitney e Saussure*. São Paulo: Paco Editorial, 2011.

Milani, S. E. *Historiografia-Linguística de Wilhelm von Humboldt*. São Paulo, Paco Editorial, 2012.

Milani, S. E. "O signo para Humboldt, para Saussure e para Bakhtin". In.: SIGNO. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2015

Nascentes, A. *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa, 1958.

Nestor, Paulo Henrique E. S. “Estudo diacrônico sobre fonética em Mattoso Câmara”. In: V CONPEEX – Congresso de pesquisa, ensino e extensão. Goiânia: UFG, 2008.

Palacin, L; Moraes, M. A. de S. *História de Goiás*. 5ª Ed. Goiânia/GO: Editora UFG/1989.

Pinheiro, I. M. G & Milani, S. E. “Possibilidades fonéticas do “o” ortográfico em Goiás”. Revista SOCIODIALETO, 2014.

Silva, D. M.; Milani, S. E. “A sociolingüística na sala de aula de língua portuguesa: uma investigação historiográfica”. In: I SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, São Paulo: USP, 2008.

Silva, Daniel Marra da. “Saussure - As consequências da instituição de um elemento híbrido, A Langue, Sistema/Fato Social, como objeto da Linguística”. Anais do SILEL. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

Silva Neto, S. da. *Guia para estudos dialetológicos*. 2.^a ed. melhorada e ampliada. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

TRAÇOS IDENTITÁRIOS DO FALAR DO SUL DE GOIÁS: REALIZAÇÕES DO /O/

Isadora Massad Giani PINHEIRO¹

RESUMO

Este artigo apresenta a análise de casos de alofonias do fonema /o/ na posição pré-tônica presentes na língua portuguesa falada no sul de Goiás. Os dados analisados são frutos de coletas desenvolvidas pelo território goiano para dar origem ao ALINGO – Atlas Linguístico de Goiás. Porém a pesquisa em questão traz o enfoque nos municípios situados no sul desse estado. Este trabalho, uma adaptação de parte da dissertação defendida e publicada pela autora, possui como objetivo uma nova contribuição para os estudos elaborados nessa região, apresentando uma exposição a respeito das vogais da língua portuguesa e também uma análise do fenômeno no português goiano, trazendo novas informações sobre as possibilidades pouco exploradas na língua portuguesa do Brasil. Como aporte metodológico foram utilizadas a Linguística Descritiva, com autores brasileiros e estrangeiros – com Camara Jr., Lopes, Maddieson e Ladefoged, e também a Linguística Histórica, a fim de embasar hipóteses de alguns fenômenos encontrados.

PALAVRAS-CHAVE: fonética; fonologia; alofonia; vogais; Goiás.

1. Introdução

Este artigo apresenta parte da pesquisa elaborada no desenvolvimento da dissertação relacionada a alguns aspectos fonéticos e fonológicos do português falado na região sul de Goiás, pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, o qual apresenta casos de alofonia do fonema /o/ em posição pré-tônica na língua portuguesa falada no sul de Goiás.

Os dados analisados foram coletados a partir da metodologia utilizada pelo ALiB – Atlas Linguístico do Brasil, com um questionário semântico-lexical que

¹Mestre pela UFG, Programa de pós-graduação em Letras e Linguística. Atende pelo endereço: Rua Tamoio Quadra 118 Lote 6B Cond. Brasília Sul Vila Brasília. Aparecida de Goiânia – Goiás. CEP: 74993-160. E-mail: isadoramassad@hotmail.com

envolve o cotidiano dos informantes, com 240 perguntas divididas em: a natureza e o homem. Esses informantes foram selecionados de acordo com os critérios apontados por Brandão (1991): dar preferência aos nascidos na região, ou que vivem ali a desde a infância; aqueles que possuem boa denteição e boa fonação; escolher pessoas com pouca escolaridade.

Os dados analisados no artigo foram os transcritos e inseridos no livro *Alingo Atlas Linguístico de Goiás: léxico-fonético*. A seleção dos dados para o livro se deu a partir dos perfis diferenciados, da qualidade sonora das entrevistas e também da qualidade das respostas dadas, como citado anteriormente.

A região sul de Goiás foi a selecionada para o recorte territorial, *a priori*, pois se pretendia estabelecer relações entre o falar desse local com o falar do triângulo mineiro. Porém o projeto inicial sofreu modificações, já que não foi possível encontrar dados mineiros em larga escala. A mudança do projeto não impediu o trabalho com o sul de Goiás, entretanto com novos objetivos.



Mapa 1. Mapa do Estado de Goiás. (MILANI et. al., 2015).

Como não houve coleta em todas as cidades do sul de Goiás, procurou-se abranger as maiores cidades da região e suas adjacências, além da fronteira com o estado de Minas Gerais. As cidades pesquisadas foram: Orizona, Pires do Rio, Ipameri, Catalão, Três Ranchos, Corumbaíba, Buriti Alegre, Caldas Novas, Mineiros, Rio Verde, Jataí, Itumbiara, Cachoeira Dourada, Quirinópolis, São Simão, Edéia, Paraúna e Vianópolis.

Para buscar uma forma didática de apresentação do artigo, se iniciará a discussão com uma breve apresentação das vogais e, então, como uma contribuição para os estudos elaborados acerca do estado de Goiás, esse artigo analisará as possibilidades de alofones do /o/ encontradas no *falar* da região supracitada.

2. O reconhecimento das vogais

Os sons vocálicos são basicamente definidos como aqueles sons produzidos a partir da passagem de ar livre pela cavidade oral, ou seja, sem nenhum tipo de obstrução. Este conceito é encontrado em manuais de linguística, como em Silva (2013), dicionários direcionados a esta área, exemplo Trask (2011), assim como livros teóricos que abordam o assunto, Camara Jr. (2010). Porém, há muitos outros aspectos essenciais que caracterizam os sons dessa natureza.

Ladefoged e Maddieson (1996) afirmam que as vogais são fonemas que podem ser pronunciados sozinhos, além de alegarem que, em muitas línguas, as vogais podem constituir uma palavra. Os autores ainda acrescentam a ideia de que as vogais são sons silábicos, ou seja, são sons que ocupam o núcleo de uma sílaba².

Callou e Leite (2000) de maneira bastante didática estabelecem diferenças entre os sons vocálicos e os sons consonantais:

As vogais são sons produzidos com o estreitamento da cavidade oral devido à aproximação do corpo da língua e do palato sem que haja fricção de ar. A vogais se opõem às consoantes por 1) serem acusticamente sons periódicos complexos; 2) constituírem núcleo de sílaba e sobre elas poder incidir acento de tom e/ou intensidade (CALLOU & LEITE, 2000, p. 26).

2 A discussão sobre a possibilidade de as vogais serem silábicas passou por Câmara Jr. (2011), que nega a exclusividade das vogais serem o centro das sílabas. Para o linguista brasileiro é possível que uma consoante ocupe esse espaço. Como argumento é utilizada a palavra inglesa *bottle*, cuja transcrição oferecida foi /botl/, dessa forma com a consoante líquida /l/ ocupando o núcleo silábico.

Assim como as autoras supracitadas, Lopes (2007), também de forma didática, compila propriedades que são características dos sons vocálicos:

- a) as vogais apresentam o maior abrimento dos órgãos articulatórios: a boca fica normalmente aberta ou entreaberta ao se pronunciar uma vogal; b) as vogais apresentam o maior número de vibrações das cordas vocais por unidade de tempo (ou seja, tem a maior frequência); c) as vogais são os únicos fonemas em português a integrar o centro da sílaba (LOPES, 2007, p. 111).

Ao unir todas essas informações, é possível formar um conceito para os sons vocálicos de forma mais abrangente e menos superficial, levando à reflexão de que os sons vocálicos são facilmente produzidos, definidos e identificados.

Mesmo que as vogais sejam pronunciadas pela passagem livre do ar pela cavidade oral, são perceptíveis diversas naturezas qualitativas desses sons, e para que isso seja possível é importante notar que eles possuem classificações quanto à produção. As classificações mais encontradas, como meio de oposição, em sistemas vocálicos do mundo são: o grau de abertura da cavidade oral, a posição da língua na boca (quanto ao eixo horizontal) e por último a posição dos lábios (LADEFOGED & MADDIESON, 1996).

A primeira categoria a ser analisada diz respeito ao grau de abertura da cavidade oral, que influencia na altura que a língua se posiciona para produzir os sons vocálicos. Segundo Ladefoged e Maddieson (1996), se uma língua possui apenas duas diferenças fonológicas nas vogais, as diferenças ocorrerão preferencialmente nessa categoria (LADEFOGED & MADDIESON, 1996).

O quadro dos símbolos vocálicos proposto pelo IPA apresenta sete graus de abertura da cavidade oral, o que não significa que todas essas possibilidades estejam presentes concomitantemente em apenas uma língua. É possível que haja a comutação entre esses níveis em torno de duas a quatro oposições em cada língua (LADEFOGED & MADDIESON, 1995).

Ao observar a língua portuguesa, Silva (2013, p. 79) indica quatro possibilidades: vogais altas, que são aquelas que ao serem produzidas a língua se encontra próximo ao palato; vogais médias-altas, as quais para serem pronunciadas a língua se abaixa um pouco, em relação à classificação anterior; vogais médias-baixas são as do terceiro nível de abaixamento; por último, as vogais baixas, as quais são produzidas quando a língua está bastante distante do palato.

A classificação de Silva (2013) levou em conta o timbre³ das vogais. Quando a autora apresenta os níveis médias-altas e médias-baixas têm a relação com a frequência do timbre, sendo que o primeiro tipo traz um som mais grave, como nos casos do /e/ e do /o/, logo, com a frequência menor, e as últimas são mais agudas, como em /ε/ e em /ɔ/, com a frequência maior.

Camara Jr. (2010) também utiliza o timbre na classificação da altura das vogais, porém o autor utiliza uma terminologia divergente da supracitada. O autor denomina as vogais médias-fechadas de médias de 1º grau e as vogais médias-abertas de médias de 2º grau.

Já na classificação dada por Lopes (2007), o timbre não possui espaço nesse critério, uma vez que ele afirma que o timbre não pode ser observado no modelo articulatório, já que faz parte do modelo acústico, se referindo apenas à audibilidade da frequência dos sons, não servindo, então, para objetivos de descrição articulatória.

Para Lopes (2007), os níveis existentes para esse critério classificatório são: as vogais altas, as quais são produzidas com a língua se aproximando ao palato; vogais médias, são as vogais cuja posição da língua é no meio da cavidade oral; e as vogais baixas, aquelas vogais pronunciadas com a língua distante do palato.

De acordo com Câmara Jr. (2010) e Silva (2013) a vogal /a/ é classificada como vogal baixa, /ɔ/ e /ε/ são consideradas vogais médias-abertas, já /o/ e /e/ são chamadas de vogais médias-fechadas e, por fim, as vogais /u/ e /i/ são as vogais altas. A modificação que a classificação de Lopes (2007) sofre é que /ɔ/, /ε/, /o/ e /e/ são definidas todos como vogais médias, sem nenhuma outra especificação.

Outro critério capaz de classificar as vogais é o que considera a posição da língua na boca, quanto ao eixo horizontal. Essa categoria é mais simples que a anterior, visto que possui apenas três níveis de variação e na língua portuguesa do Brasil é possível encontrar todos esses níveis.

As categorias existentes nesse critério são: as vogais anteriores ou palatais, que quando produzidas a língua se projeta em direção aos dentes anteriores ou aos lábios; há também as vogais centrais, quando a língua está posicionada em um ponto neutro, no

3“Consiste o timbre em certos sons secundários ou acessórios que seguem o principal e aos quais se dá o nome de harmônicos. É esta qualidade que torna um som acusticamente distinto de qualquer outro da mesma altura, intensidade ou quantidade. Os instrumentos musicais têm cada um o seu timbre especial, o que nos permite distinguir, ainda que de longe, se o som é de uma flauta ou de um clarinete” (COUTINHO, 1972, p. 87).

centro da boca; por último, as vogais posteriores, que são pronunciadas quando a língua se encontra mais recolhida, no fundo da boca (SILVA, 2013).

Segundo Lopes (2007), no português, a localização da língua no eixo horizontal não corresponde a um aspecto distintivo da nossa língua, uma vez que não há vogais que se oponham simplesmente por uma ser anterior e outra posterior. Para que haja esse tipo de oposição é necessário que haja outro aspecto envolvido na vogal, como o arredondamento dos lábios, por exemplo. A classificação dessa categoria em português considera que as vogais /i/, /e/ e /ɛ/ sejam vogais anteriores, o fonema /a/ central e /u/, /o/ e /ɔ/ posteriores.

Mais um aspecto existente para a descrição dos sons vocálicos é o do arredondamento dos lábios, ou posição dos lábios. Neste critério há duas classificações: vogais arredondadas ou vogais não-arredondadas. As primeiras vogais são as que, ao serem produzidas, os lábios ficam arredondados; as outras são as vogais as quais são pronunciadas com os lábios distendidos.

Na língua portuguesa é possível perceber que essa classificação está relacionada ao eixo horizontal da língua na boca. As vogais anteriores são não arredondadas e as vogais posteriores são produzidas com arredondamento dos lábios. As vogais /i/, /e/, /ɛ/ e /a/ são vogais não-posteriores, logo, não-arredondadas, sendo as três primeiras, como já foi explicitado, anteriores e a última central. Já os fonemas /u/, /o/ e /ɔ/ são vogais posteriores e arredondadas.

Tem-se em português outra classificação, bastante produtiva para as vogais, que é quanto à sua nasalização. Porém é um tema de grande polêmica entre os linguistas do Brasil, visto que há pontos de vista divergentes a respeito desse assunto. Edward Lopes (2007) é a favor da existência das vogais nasais, que também possuem produção de forma semelhante às orais, exceto pela ressonância do som pelas vias nasais: “Vogais são fonemas sonoros resultantes da livre passagem da corrente de ar para a boca ou para a boca e as fossas nasais, órgãos estes que atuam como simples caixas de ressonância” (LOPES, 2007, p. 111).

O autor alega que a língua portuguesa possui verdadeiras vogais nasais, ou seja, as vogais que se produzem pelo abaixamento do véu palatino e que faz com que o ar se desloque até as fossas nasais e que lá haja ressonância. Ele ainda caracteriza as nossas *vogais nasais* em vogais centrípetas, ou seja, aquelas que possuem o timbre fechado. Para ele essas vogais podem ser representadas como /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/ e /ũ/.

Camara Jr. (2011) faz uma discussão acerca das vogais que ao serem produzidas causam ressonância nas fossas nasais. Para este linguista brasileiro, é necessário que haja a diferenciação das vogais que apenas sofrem influência de uma consoante nasal presente na próxima sílaba, daquelas as quais possuem uma nasalidade distintiva. O autor dividiu esses tipos de nasalidade em fonética, aquela que é meramente sonora, sem distinção significativa⁴, e nasalidade fonológica, que já envolve mudanças de significado.

Para a transcrição fonética das vogais chamada “nasais”⁵ que podem acarretar distinção, Camara Jr. (2011) sugere a utilização do arquifonema nasal, representado pelo símbolo /N/. O autor alega que: “Trata-se [...] de um arquifonema /N/, que se realiza como /m/ diante de consoante labial na sílaba seguinte, como /n/ diante de consoante anterior nas mesmas condições e como um alofone [ɲ] posterior diante de vogal posterior: *campo, lenda, sangue*” (CAMARA Jr., 2011, p. 58).

Câmara Jr. ainda afirma que: “[...] é preferível partir do arquifonema nasal /N/ como fato estrutural básico, que acarreta, como traço acompanhante, a ressonância nasal da vogal.” A representação da nasalização das vogais para ele seria, então, transcrita como: /aN/, /eN/, /iN/, /oN/ e /uN/, trazendo a presença da nasalidade através da representação do arquifonema juntamente com a vogal (2011, p. 59).

Silva (2013) trata o aspecto nasal nas vogais diferenciando-as em: vogais que sofrem o processo de nasalização e as vogais que sofrem o processo de nasalidade. Nas primeiras a não articulação da vogal nasal causa distinção de significado, como é possível observar em ‘lá’ [la] e ‘lã’ [lã], a ausência do elemento nasal causa mudança na palavra produzido.

As vogais que passam pelo processo de nasalidade são aquelas que não causam distinção de significado, ou seja, a variação linguística é que determina a presença ou a ausência de nasalidade. Um caso clássico para se observar no português brasileiro é da palavra ‘banana’, como há duas consoantes nasais na palavra é possível perceber assimilação em via de regra na segunda sílaba, mas há também a possibilidade de a primeira sílaba sofrer influência da consoante nasal da sílaba seguinte: [bã'nãɲ]. Essa

4Quando fala-se aqui que essa nasalidade não possui distinção significativa, está se levando em conta questões descritivas, formais, sem entrar no âmbito sociolinguístico, onde haveria sim uma distinção significativa.

5As aspas utilizadas têm a intenção de ser fiel à opinião de Câmara Jr., que as utiliza em *Estrutura da língua portuguesa*, deixando claro seu ponto de vista.

nasalidade ocorre quando há a assimilação de uma consoante nasal da sílaba seguinte na vogal da sílaba anterior.

Resumidamente, é possível encontrar as classificações de cada vogal do português brasileiro na tabela seguinte:

Vogais orais				
	Anteriores	Central	Posteriores	
Alta	/i/		/u/	Alta
Média/alta	/e/		/o/	Média/alta
Média/baixa	/ɛ/		/ɔ/	Média/baixa
Baixa		/a/		Baixa
Vogais Nasais				
	Anteriores	Central	Posteriores	
Alta	/ĩ/		/ũ/	Alta
Média/alta	/ẽ/		/õ/	Média/alta
Média/baixa				Média/baixa
Baixa		/ã/		Baixa

(adaptado de Edward Lopes, 1995, p. 116 citado por MILANI et. al, 2015)

3. Alofones do /o/ em posição pré-tônica no *falar* do sul de Goiás

A análise aqui apresentada utilizou como *corpus* respostas resultantes das entrevistas feitas para a elaboração do ALINGO – Atlas Linguístico de Goiás (2015). As entrevistas, que eram da modalidade fechada⁶, tinha como base o questionário com perguntas fundamentadas pelo ALiB – Atlas Linguístico do Brasil, além de outras questões inseridas que abordam a realidade rural bastante presente no interior do estado de Goiás.

As palavras selecionadas para serem analisadas estão entre as transcritas e presentes no ALINGO (2015). A eleição das entrevistas para o livro se deu a partir da qualidade das entrevistas, ou seja, aquelas que os entrevistados responderam grande parte das perguntas; e também pela qualidade das gravações.

Com a finalidade de trazer maior validade para a análise, utilizou-se respostas que se repetiram diversas vezes, possibilitando, assim, a observação de diversas

⁶As entrevistas feitas com questionário fechado são aquelas que as perguntas visam a respostas objetivas. Neste caso, foi utilizado para que os entrevistados respondessem as questões com as palavras que, na opinião dele, mais se encaixasse no conceito presente na pergunta, pois assim haveria a possibilidade de eles realizarem aquela palavra selecionada do seu vocabulário de acordo com sua variedade linguística.

realizações possíveis. As palavras aqui apresentadas são respostas das seguintes perguntas: “Como chama aquele barulho que faz quando chove?”, “Como chama aquela água que se encontra nas plantas de manhã?”, “Como chama o osso pontudo que fica entre o pé e a perna?”, “Como chama aquele ar preso que passa com um susto?” e “Como chama a parte embaixo do braço?”.

Com o objetivo de encontrar possibilidades fonológicas para um fonema em questão, um pesquisador tende a induzir que os pares suspeitos⁷ podem ser as únicas variações que uma produção pode sofrer, ou as principais. Porém, a seguir serão apresentados resultados que não seguem essa regra, o que amplia a quantidade de alternativas executáveis (em determinados contextos).

Um conhecimento básico de fonologia permite deduzir que durante a análise desse objeto proposto apareça a neutralização, pois ela ocorre quando sons foneticamente semelhantes deixam de ter oposição fonológica entre si, apenas em certos contextos, mantendo a oposição fonológica nos demais contextos (CAGLIARI, 2002).

Como exemplificação da neutralização em língua portuguesa tem-se o [s] e o [z], que são sons foneticamente semelhantes, diferenciando-se apenas quanto à sonoridade na produção de cada um, sendo o primeiro som surdo e o segundo sonoro. Quando os fones em questão são colocados em início de sílabas é evidente a diferença entre eles, como em [selu] e [zelu], representando, então, dois fonemas diferentes /s/ e /z/.

Já quando em final de sílabas em meio de palavras, diante de consoantes, é observável que o [s] ocorrerá, principalmente, antes de consoantes surdas, como no caso das palavras [desti] e o [z] poderá aparecer antecedendo as consoantes sonoras, assim como na palavra [dezdi] (CAGLIARI, 2002).

É possível prever a existência da neutralização, pois no Brasil dois pares suspeitos vocálicos bastante produtivos são [e] - [ɛ] e [o] - [ɔ], que se distinguem apenas em relação ao timbre. Antes de se analisar profundamente o fenômeno, fala-se que em posição pré-tônica os dois fonemas que possuem timbres abertos são mais produtivos nas regiões norte e nordeste do Brasil.

Porém, na região do sul de Goiás foi possível encontrar a neutralização dos timbres aberto e fechado do /o/. Em posição imediatamente pré-tônica ocorreu apenas na palavra “orvalho”, porém com duas realizações diferentes:

⁷Um par suspeito é um par de sons que possuem uma ou mais propriedades fonéticas semelhantes. Tem-se como exemplo: [e] e [i], o que as diferencia é apenas o grau de abertura da boca, sendo [e] uma vogal oral, anterior, média-alta (ou média-fechada), não-arredondada e [i] uma vogal oral, anterior, alta, não arredondada.

Realização de “orvalho” como:

- [ɔh'vaɫɔ]
- [ɔɾ'vaɫɔ].

Embora haja apenas duas ocorrências deste tipo de neutralização [o] ~ [ɔ] na posição pré-tônica desta palavra, é importante observar que essa baixa frequência apresenta sua importância, já que com essa informação é possível concluir que, mesmo existindo essa possibilidade, nesta região estudada ela raramente ocorre.

Um outro fenômeno bastante comum existente na língua portuguesa é a alofonia do par [o] e [ɔ]. É importante ressaltar que o ambiente onde essa alofonia é mais produtiva é em final de palavras, quando a sílaba final for átona, ou em posições pós-tônicas, como pode-se observar na realização da palavra ‘mato’ [‘matu].

Segundo Camara Jr., esse fenômeno é chamado de “debordamento fonêmico”. Ele explica que este processo ocorre quando “há [...] uma invasão de uma fonema sobre a área de outro”. Neste caso, a “invasão” seria quanto à altura da vogal, uma vez que o fone [o] é média-alta e o [ɔ] alta (CAMARA Jr., 1977, p.60).

Embora o debordamento fonêmico do [o] para o [ɔ] ocorra principalmente nas sílabas átonas finais, foi possível encontrar realizações acontecendo em sílabas em posição pré-tônica, como é possível ver a seguir:

Realizações de “tornozelo” como:

- [toɾnɔ'zelɔ]
- [toɾnɔ'zelɔ]

Realização de “trovoada” :

- [trovɔ'adɐ]

A variante mais alta também apareceu como uma possível ocorrência para o “o” ortográfico, o fone [u]. Essa possibilidade, assim como a anterior, aconteceu em duas palavras e uma delas com duas realizações diferentes:

Realizações de “sovaco” :

- [su'bakɔ]
- [su'vakɔ]

Realização de “trovão”:

- [tru'vãũ]

A possibilidade do alofone [a] também foi encontrada entre os dados. Essa é a possibilidade que mais chama atenção, uma vez que não é um par suspeito de nenhuma das variantes anteriores, já que sua produção não é semelhante aos outros fones. Para este fone foram obtidas duas respostas diferentes e apenas uma realização para cada uma delas:

Realização de “solução”:

- [sa'luso]

Realização de “orvalho”:

- [aru'valiʊ]

Sem dúvida, essa é a variante menos provável, uma vez que não corresponde a par suspeito de nenhuma das possibilidades encontradas anteriormente, já que sua articulação difere bastante das demais.

Mesmo correspondendo à variante com menor probabilidade, por questões articulatórias, na região do sul de Goiás ela foi mais produtiva do que um dos pares suspeitos, o fonema [ɔ], que apareceu em duas produções de uma mesma resposta, porém apenas uma vez em cada uma delas, uma das possibilidades que a priori poderia se esperar maior frequência.

A realização do alofone [a] nessas condições deve ser observada com bastante atenção, pois além de ele possui articulação diferente dos demais sons, ele ocorreu com uma certa frequência, comprovando sua sistematização na língua. Entretanto, as análises feitas tiveram como resultado apenas hipóteses.

A primeira hipótese a ser considerada como explicação de tal fenômeno é a da dissimilação. Esse processo fonológico consiste na “[...] diversificação ou queda de um fonema por já existir fonema igual ou semelhante na palavra” (COUTINHO, 1972, p.144).

A dissimilação estaria presente na realização da palavra “solução” [sa'luso], pois as duas sílabas finais da palavra são formadas por sons posteriores e altos. Dessa forma, para que o processo da dissimilação ocorresse seria necessário diferenciar a articulação, e o alofone [a] é capaz de executar essa função, pois se trata de uma vogal baixa e central, ou seja, com duas características diferentes dos outros sons vocálicos.

Já para a palavra “orvalho” [aru'valiʊ], a hipótese é a de assimilação, que seria o processo contrário da dissimilação, isto é, ao invés de buscar a diferenciação dos fonemas, aqui procura “[...] a aproximação ou a perfeita identidade de dois fonemas, resultante da influência que exerce um sobre o outro” (COUTINHO, 1972, p. 143).

Neste caso, a realização do alofone [a] teria sofrido a influência da segunda sílaba. Por isso, a articulação se igualou, formando essa nova variante para a palavra orvalho.

Processos semelhantes já ocorreram na história da língua portuguesa, inclusive chegaram ao ponto de modificar a palavra. Coutinho (1972) apresenta alguns exemplos de ambos os processos.

Como exemplo de assimilação, com os mesmos sons do *corpus* [o] > [a], Coutinho (1972) mostra *novac(u)la* > *navalha* (COUTINHO, 1972, p.144).

Para exemplificar o caso da dissimilação, há as palavras *rubore* > *arrebol*, que também sofre modificações semelhantes às sofridas pela palavra “orvalho” (COUTINHO, 1972, p. 103).

Também foi possível encontrar a realização [o], que diante da grande quantidade de produções, permitiu afirmar que se trata do fonema /o/, do qual todos os demais são alofones:

Realizações de “sovaco”:

- [so'vakɔ]
- [so'bakɔ]

Realização de “tornozelo”:

- [toʁno'zelɔ]

Realizações de “orvalho”:

- [oʁ'valiɔ]
- [oro'vaj]
- [oʁ'vaλɔ]

Realização de “solução”:

- [so'lusɔ]

Realização de “trovão”:

- [tro'vãũ]

Ao observar o levantamento dos dados, é notável que esta última possibilidade é a mais produtiva e, por isso, é possível afirmar que o fonema do “o” ortográfico na

posição pré-tônica no sul de Goiás seria o /o/. O que permite essa alegação é a sua presença em todas as respostas analisadas, além da alta frequência em cada uma das respostas, se observadas isoladamente.

Assim, conclui-se, que em posição pré-tônica o “o” ortográfico no sul de Goiás tem como fonema o /o/ e como possibilidades fonéticas, ou alofones, os sons [ɔ], [ʊ], [u], [a] e [o].

Conclusão

A partir dessa pesquisa, foi possível observar e apresentar através de dados empíricos, que a alofonia pode ocorrer de forma muito mais vasta do que se encontra em manuais. Não que estes estejam errados, porém não é possível, ou é pouco viável, que abranjam todas as possibilidades possíveis de uma língua tão variada como o português.

As análises feitas do *corpus* em questão apresentou alofones pouco debatidos e que ocorrem na nossa própria língua, como foram os casos encontrados para o fonema /o/. Normalmente, se alegaria que este fonema permite dois alofones o [ɔ] e o [ʊ] ou [u]. O primeiro seria uma neutralização em posição pré-tônica, muito recorrente no nordeste e norte do país e o segundo, principalmente, ocorreria em ambiente pós-tônico.

Porém, a partir do exame dos dados, foi possível encontrar mais uma possibilidade, o alofone [a], com menor produtividade, porém de grande importância, uma vez que assim aumenta o escopo de alofones possíveis para o fonema /o/, em determinados contextos, não ocorrendo como variação livre.

Além do mais, foi possível, também observar que o próprio alofone [ɔ] que é comumente caracterizado como próprio do norte e nordeste do Brasil, ocorreu nesta áreas estudada. Obviamente que nas regiões citadas ele acontece com maior frequência, porém é importante perceber que isso não exclui uma possibilidade, mesmo que mínima, de ocorrência em outras áreas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Amaral, A. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4 ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, 1981.

Brandão, S. F. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

Bentes, A; Mussalin, F. C. *Introdução à linguística. Domínios e fronteiras*. 3 vols. São Paulo: Cortez, 2004.

Bessa, José Rogério Fontenele (Coord.). *Atlas linguístico do estado do Ceará*. Fortaleza: UFC, 2010, 2 vol.

Cagliari, L. C. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

Callou, D.; Leite, Y. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. 3ª ed.. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000

Camara Jr., J.M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

_____. *Problemas de linguística descritiva*. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. 44ª ed. Petrópolis, 2011.

Cardoso, S. A. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. “Sergipe – um estado com dois atlas”. In: AGUILERA, V. de A. (org.) *A geolinguística no Brasil – trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Uduel, 2005, p. 103-135.

Coseriu, E. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

Coutinho, I. de L. *Pontos de Gramática Histórica*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livraria acadêmica, 1972.

Ferreira, C.; Cardoso, S. A. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

Ladefoged, P. *Vowels and consonants: an introduction to the sounds of the language*. 2. ed. Oxford: Blackwell Publishers Ltd., 2001.

Ladefoged, P.; Maddieson, I. *The sounds of the world's languages*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd., 1996.

Lopes, E. *Fundamentos da Linguística Contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 2007.

Mateus, M. H.; Andrade, E. d'. *The phonology of portuguese*. New York: Oxford, 2002.

Milani, S E., [et al]. *Atlas linguístico de Goiás: léxico-fonético*. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2015.

Nascentes, A. *O linguajar carioca*. 2.ª ed. completamente refundida. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

_____. *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa, 1958.

Pinheiro, I. M. G.; Milani, S. E. *Possibilidades fonéticas do “o” ortográfico em Goiás*. Web-Revista SOCIODIALETO: Bach., Linc., Mestrado Letras UEMS/Campo Grande, v. 4, nº 12, mai. 2014, p. 436 – 451.

Saussure, F. de. *Curso de linguística geral*. 34ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

Silva, T. C.. *Dicionário de fonética e fonologia*. Colaboradoras Daniela OliveiraGuimarães, Maria Mendes Cantoni. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. *Fonética e fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2013

Silva Neto, S. da. *Guia para estudos dialetológicos*. 2.ª ed. melhorada e ampliada. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

Trask, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

Vidos, BenedekElemér. *Manual de linguística românica*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

Vieira, R. P. F. *Historiografia-Linguística dos métodos de estudos sobre aférese no Brasil*. (Doutorado em Linguística) Universidade Federal de Goiás, 2012.

Whaley, L. J. *Introduction of typology: the unity and diversity of language*. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage Publications, 1997.

Whitney, W. D. *A vida da linguagem*. Petrópolis, RJ: Vozes

DIVERSIDADE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM CONTEXTOS MATO-GROSSENSES

Neusa Inês PHILIPSEN¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar o Projeto Diversidade e variação linguística em Mato Grosso (DIVALIMT). Projeto que tem o propósito de refletir sobre a língua portuguesa e línguas minoritárias faladas em Mato Grosso/Brasil e mostrar resultados de pesquisa geo-sociolinguísticas em áreas geográficas mato-grossenses distintas, assim como em temáticas também distintas. A proposta da pesquisa fundamenta-se nos princípios da Geolinguística contemporânea (Coseriu, 1979/1982, Nascentes, 1953/1958/1961, Santos, 2006/2012), com ênfase tanto às variações linguísticas geográficas (diatópicas) quanto às implicações de natureza social (diastráticas). Para complementar os recortes teórico-metodológicos mobilizados nos estudos, por operar com variáveis socioculturais dos dados coletados, recorre, também, à interface com a Sociolinguística, mais especificamente ao modelo de análise linguística proposta pela Sociolinguística Variacionista (Labov, 1966/1972/2008, Tarallo, 2007). Dentre os resultados já alcançados, destaca-se um banco de dados *on-line*, que traz a compilação de pesquisas realizadas no Estado de Mato Grosso, disponível para a comunidade científica e para a população desta região brasileira, propiciando a ampliação do conhecimento acerca da identidade linguística e sociocultural deste espaço geográfico.

PALAVRAS-CHAVE: Variação e diversidade linguística; Identidade linguística e sociocultural; Região Centro-Oeste/Mato Grosso/Brasil; Banco de dados *on-line*.

Apontamentos iniciais

A Fundação Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – é uma entidade autônoma de direito público, vinculada à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, criada a partir do Instituto de Ensino Superior de Cáceres – IESC – pela Lei nº 703 em 1978 e estadualizada pela Lei nº 4960, de 19 de dezembro de 1985. A UNEMAT passou à condição de Universidade, de acordo com a Lei complementar nº

¹ Docente e pesquisadora da UNEMAT/Sinop, Faculdade de Educação e Linguagem, Departamento de Letras. Rua das Orquídeas, 82, Jardim Botânico - 78556-040. Sinop – Mato Grosso – Brasil. – neusa@unemat-net.br

30, de 15 de dezembro de 1993, e obteve no ano de 1999 o reconhecimento enquanto Universidade pelo Conselho Estadual de Mato Grosso – CEE/MT, homologado em 30 de abril de 1999, pela Portaria 196/99 da Secretaria do Estado de educação – SEDUC/MT².

A Universidade do Estado de Mato Grosso tem sua sede na cidade de Cáceres, interior do Estado, mas se faz presente em dez regiões geoeeducacionais de múltipla diversidade geográfica, econômica e cultural, e tem como eixo central de suas atividades as áreas de educação e meio ambiente. Seu programa de expansão foi iniciado na cidade de Sinop³, em 1990, tendo em vista o fato de a cidade ser considerada município polo regional e pela carência de profissionais especializados na região. Atualmente a UNEMAT conta com um total de onze *Campi* Universitários e com a perspectiva de abertura de novos cursos que lhe assegurem reconhecimento e a credibilidade na sociedade mato-grossense e entre as instituições brasileiras e internacionais.

Para atingir tal credibilidade, a universidade prima por preparar profissionais para a atuação consciente na busca de melhorias sociais e do desenvolvimento da sociedade onde se encontra inserida, bem como formá-los para que possam atuar de maneira integrada com os recursos naturais de modo sustentável e eficiente. Dessa forma, compreende-se estarem aptos a assumirem que seu papel no desenvolvimento passa pelo exercício de uma formação oriunda da realidade, mais especificamente, da realidade mato-grossense, seja em seus aspectos econômicos, sociais e humanos.

Assim, o DIVALIMT nasce em consonância com os objetivos e propósitos da instituição em relação aos aspectos acima descritos, com ênfase especialmente no viés geo-sociolinguístico, visto que tem o propósito maior de refletir sobre fenômenos socioculturais e sobre as línguas faladas em Mato Grosso.

Considerações teórico-metodológicas

Ao se falar em língua, seja ela a portuguesa, a inglesa, a francesa ou qualquer outra, pode-se observar que ela muda constantemente. Isso não significa, entretanto, que

2 Informações retiradas de <http://www.novoportal.unemat.br/index.php?pg=campus&idc=3>. Acessadas em 07 de jan. de 2015.

3 Sinop (Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná) dista 503 km de Cuiabá, a capital do Estado.

a língua se torne outra língua, ou que ela se constitua em um sistema linguístico melhor ou pior. A variação linguística, portanto, é um fenômeno que ocorre em todas as línguas naturais. Do mesmo modo, a diferenciação geográfica e social entre segmentos de uma mesma comunidade linguística pode resultar em um correspondente processo de diferenciação linguística, que se manifesta com maior evidência nos níveis fonológico, léxico e gramatical.

Para Ferreira e Cardoso:

[...] falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, têm características lingüísticas diversificadas e se pertencem a uma mesma região também não falam de uma mesma maneira tendo em vista os diferentes estratos sociais e as circunstâncias diversas da comunicação. Tudo isso deixa evidente a complexidade de um sistema lingüístico e toda a variação nele contida (Ferreira; Cardoso, 1994: 12).

A preocupação com a diversidade de usos linguísticos no Brasil, embora registrada desde o início da colonização, tal como podemos verificar com a publicação da primeira gramática, já no século XVI, a *Arte de Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil*, de José de Anchieta, se acentua, contudo, somente no final do século XVIII e início do século XIX. De acordo com Cardoso (1999), a primeira manifestação caracterizada como de natureza dialetológica sobre o português do Brasil surge em 1826, com o informe intitulado *Les différences que le dialecte brésilien pourrait présenter, comparé à la langue de Portugal*, publicado por Domingos Borges de Barros, o visconde de Pedra Branca.

Todavia, são as *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*, obra publicada por Antenor Nascentes em dois volumes (1958 e 1961, respectivamente), que abrem caminho para o desenvolvimento de estudos nessa área. Posteriormente, pesquisadores de outras regiões brasileiras iniciam o mapeamento de aspectos mais específicos de cada área/região. Atualmente, além de atlas regionais, muitos atlas/mapeamentos locais estão sendo feitos em teses de doutorado ou dissertações de mestrado. Há que se destacar, também, o trabalho que vem sendo feito pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), desde a última década do século XX.

[...] esse projeto representa um divisor de águas na pesquisa geolingüística e dialetológica no Brasil, uma vez que a concretização de um projeto nacional – que se propõe a descrever a variante brasileira da Língua Portuguesa e mapeá-la em um Atlas nacional e que, pela sua abrangência e pela dimensão espacial dos que o dirigem, agrega pesquisadores fixados nas diferentes

regiões brasileiras – veio trazer novo e significativo impulso para pesquisas na área (Isquierdo, 2004: 391).

Dentre os objetivos deste Projeto nacional, que priorizam tanto as variações geográficas (diatópicas) quanto às implicações de natureza social (diastráticas), destaca-se: descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas) consideradas na perspectiva da Geolinguística⁴.

Ao se observar o objetivo acima e os muitos caminhos ainda a serem percorridos pela Geografia Linguística no Brasil, não se pode deixar de corroborar com a seguinte assertiva de Oliveira (2005: 385): “indubitavelmente, não se discute a importância de fazer o trabalho dialetológico, tendo em vista a característica continental do país, as variações linguísticas nele presentes e a heterogeneidade cultural”.

Para complementar os pressupostos teórico-metodológicos, por se operar com variáveis socioculturais dos dados coletados, faz-se necessário recorrer à interface com a Sociolinguística, mais especificamente ao modelo de análise linguística proposta pela Sociolinguística Variacionista.

Segundo Sá (2011: 246), “o progresso metodológico que a sociolinguística estabeleceu com sua rigorosa e solidificada consideração de fatores sociológicos, antes somente tratados superficialmente pela dialetologia, hoje tem sido amplamente utilizado na análise descritiva da língua”. Com metodologia bem delimitada, “a Sociolinguística Variacionista baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação no dia-a-dia, procurando demonstrar como uma variante se implementa na língua ou desaparece” (Salomão, 2011: 190).

A necessidade de se aliar ambas as teorias nesse projeto de pesquisa se fez presente desde a sua constituição, ou seja, a partir da edificação das questões norteadoras e dos objetivos, os quais enfatizam, fundamentalmente, o propósito de um olhar analítico sobre o falar mato-grossense nas dimensões diatópica e diastrática.

É importante também observar que, de acordo com Cardoso,

Apesar de “consideradas até certo ponto sinônimas”, dialetologia e sociolinguística, ao se ocuparem da diversidade de usos da língua, atribuem um caráter particular e individualizante no tratamento do seu objeto de estudo. O enfoque diatópico e sociolinguístico se faz presente em ambas.

4 Conforme pode ser visualizado em <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/AlibObjetivos>.

Distinguem-se, no entanto, na forma de tratar os fenômenos e na perspectiva que imprimem à abordagem dos fatos linguísticos. A dialetologia, nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento dos dados, tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, configurando-se, dessa forma, como eminentemente diatópica. A sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, centra-se na correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando, dessa forma, as relações sociolinguísticas. (Cardoso, 2010: 26).

Salienta-se, também que, conforme Pontes (2000: 5), mais enfaticamente a partir dos anos 1990, “vários procedimentos metodológicos da geolinguística tradicional foram repensados à luz de métodos e técnicas modernos da geolinguística e da sociolinguística, os quais melhor retratam a realidade lingüística brasileira atual”.

Vale ressaltar, ainda, que a mobilização dos pressupostos teóricos da Geolinguística e da Sociolinguística constitui a fundamentação alicerce deste projeto concebido como piloto, o que, contudo, não exclui a possibilidade da realização de estudos interdisciplinares, conforme forem surgindo propostas de pesquisa pelos integrantes da equipe, as quais, para os resultados que pretendem, podem, eventualmente, mobilizar outras áreas do saber para que possam atingir os objetivos de conhecer e registrar, com maior valor científico, as diferentes formas socioculturais e de falar da comunidade linguística em análise.

Metodologia e estratégias de ação

O presente projeto pertence à Faculdade de Educação e Linguagem do *Campus* de Sinop da UNEMAT e é integrante das linhas de pesquisa *Estudo das relações entre linguagem, instituição e sociedade* e *Linguagem, cultura e ensino*. Com relação às propostas de trabalho, o projeto piloto comporta, fundamentalmente, duas ações básicas, explicitadas a seguir:

- 1) Criação, organização e alimentação do banco de dados *on-line*

Site hospedado pelo servidor da UNEMAT. A manutenção e a constante alimentação do *site* são efetuadas por bolsistas ligados à Faculdade de Educação e Linguagem do *Campus* de Sinop e pelo suporte técnico.

2) Pesquisas com temáticas distintas feitas pelos integrantes da equipe

A importância da elaboração e da aplicação deste projeto reside, mais especificamente, na necessidade de se identificar e de se registrar variedades/diversidades linguísticas e comportamentos sócio-linguístico-culturais de falantes em distintas comunidades de Mato Grosso, pois trabalhos geo-sociolinguísticos são incipientes ainda neste Estado. Assim, decidiu-se que os pesquisadores trabalhariam com distintos fenômenos linguísticos para que se pudesse registrar e analisar, de forma mais abrangente, a fala e seus usos socioculturais, com o intuito de, posteriormente, socializar os resultados e a pesquisa linguística desenvolvida no âmbito da variação linguística mato-grossense.

Breve histórico do projeto

Como supracitado, trabalhos geo-sociolinguísticos são incipientes ainda no Estado de Mato, o que faz com que este Estado fique, geralmente, à margem de pesquisas nacionais. Há, no entanto, que se considerar que existe uma gama de pesquisas já feitas na área por estudiosos e pesquisadores mato-grossenses, contudo, como até então não existisse um banco de textos orais e escritos disponíveis em um só suporte ou espaço, estas pesquisas (a maioria em formato de dissertação, tese ou artigo científico) têm pouca visibilidade nacional, visto terem acesso reduzido por estudiosos e mesmo por pessoas interessadas em conhecer trabalhos efetuados nesta região do País.

Assim, justifica-se a necessidade de se compor um banco de dados *on-line*, que possa disponibilizar pesquisas já concluídas em território mato-grossense de cunhos geolinguístico e sociolinguístico, bem como mostrar, para a comunidade científica nacional e internacional, trabalhos que estão sendo desenvolvidos em instituições de ensino e pesquisa deste ou sobre este Estado.

Compreende-se, ainda, que deixar de registrar os falares de comunidades linguísticas, mesmo as de recente colonização, como é o caso da maioria das cidades do Norte de Mato Grosso, que datam do início da década de 1970, pode levar ao apagamento das realizações linguísticas e ao silenciamento dos fenômenos linguísticos regionais em uso por aqueles que significam o falar nesses espaços, assim como de suas atividades socioculturais.

A implementação do projeto piloto DIVALIMT, em consonância com a necessidade destas iniciativas, pretende, assim, refletir sobre língua e sociedade, sobre a pluralidade sociocultural, bem como sobre a diversidade linguística mato-grossense. As primeiras iniciativas desta implementação ocorreram em agosto de 2013, sendo, contudo, oficializado o projeto apenas em maio de 2014, por meio da Portaria Nº963/2014.

O objetivo geral deste projeto é: Identificar, descrever, documentar, caracterizar e analisar variedades/diversidades linguísticas e comportamentos sócio-linguístico-culturais de falantes em um amplo repertório mato-grossense, que compreende áreas temáticas e geográficas distintas. Dentre os objetivos específicos, destacam-se:

- Coletar fontes escritas e orais para identificar e registrar variedades/diversidades linguísticas.
- Discutir as influências sócio-linguístico-culturais trazidas pelos migrantes provenientes de diferentes espaços geográficos nacionais, que resultaram no falar local, e suas contribuições na formação e expansão do português no Norte de Mato Grosso.
- Identificar como se apresentam as características linguísticas, relacionadas a aspectos semântico-lexicais, entre os migrantes e os nascidos na região Norte mato-grossense.
- Identificar e analisar as crenças e atitudes linguísticas, investigando como os migrantes julgam o seu falar e o falar dialetal dos demais moradores da região.
- Verificar aspectos fônicos, tais como o “r” forte de início de sílaba e o “r” de final de sílabas se realizam foneticamente em contexto Norte mato-grossense.
- Coletar dados de usos e funcionamento de marcadores discursivos, característicos na fala dos moradores de Sinop, levando em conta aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos dos MDs focalizados.
- Identificar como ocorre o uso dos anglicismos na comunidade sinopense e suas diferentes manifestações em nosso ambiente sociocultural.
- Elaborar e organizar um glossário de termos de origem africana e/ou termos próprios da fala dos moradores das comunidades quilombolas do Estado de Mato Grosso.

- Identificar e coletar dados acerca da presença de minorias linguísticas. Trata-se de línguas minoritárias tanto alóctones, ou seja, de (i)migração, em específico àquelas presentes em amplas áreas de bilinguismo societal da região Sul do Brasil, assim como atesta o *Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul* (ALERS), como também línguas autóctones, sendo estas as línguas indígenas presentes na região Norte de Mato Grosso.
- Apresentar os resultados interpretativos dos fenômenos linguísticos e socioculturais regionais.

A equipe executora está sob a coordenação da Profa. Dra. Neusa Inês Philippsen (UNEMAT/Sinop), e conta com os seguintes integrantes: Dr. José Leonildo Lima (UNEMAT/Nova Mutum), Ms. Olandina Della Justina (UNEMAT/Sinop), Ms. Juliana Freitag Schweikart (UNEMAT/Sinop), Ms. Terezinha Della Justina (UNEMAT/Sinop), Ms. Grasiela Veloso dos Santos (UNEMAT/Sinop), Ms. Selmo Ribeiro Figueiredo Junior (USP), Ms. Fernando Hélio Tavares de Barros (UFRGS) e Ms. Antônio Tadeu Gomes de Azevedo (UNEMAT/Sinop). Equipe esta que, por sua vez, pretende cooptar novos colaboradores de instituições distintas e comunidade externa, interessados em promover pesquisa em Mato Grosso.

Assim, com a finalidade maior de propiciar a ampliação do conhecimento acerca da identidade linguística e sociocultural desta região do Brasil, apresenta-se, abaixo, um quadro organizacional que sintetiza os procedimentos metodológicos a serem desenvolvidos:

Quadro 1 = equipe executora e procedimentos metodológicos a serem desenvolvidos

CORPUS DE ANÁLISE	ESPAÇO DE ABRANGÊNCIA DA PESQUISA	PESQUISADOR(A)	ATIVIDADES/ JUSTIFICATIVA
Teses, dissertações, artigos, materiais de pesquisas em andamento para compor o banco de dados <i>on-line</i>	Sinop, Vera, Cláudia e	Dra. Neusa Inês	Responsável pela criação e organização do banco de dados <i>on-line</i> , com o intuito de socializar os resultados das pesquisas geo-sociolinguísticas

<p>e a materialidade⁵ de entrevistas realizadas com vinte migrantes provenientes de diferentes espaços geográficos nacionais.</p>	<p>Santa Carmem</p>	<p>Philippsen</p>	<p>apreendidos em Mato Grosso, e apresentar resultados interpretativos dos fenômenos linguísticos e socioculturais trazidos por migrantes à região.</p>
<p>Glossário de termos de origem africana e/ou termos próprios da fala dos moradores das comunidades quilombolas do Estado de Mato Grosso.</p>	<p>Comunidades quilombolas do Estado de Mato Grosso</p>	<p>Dr. José Leonildo Lima</p>	<p>Elaborar e organizar um glossário. A escolha de comunidades quilombolas em Mato Grosso é uma forma de, pela falta de um inventário linguístico, em decorrência de o processo de aculturação linguística desencadear o processo de alienação linguística. Este fato pode promover o desaparecimento de muitos termos que têm sua origem nessas comunidades. Isso posto, essa é mais uma maneira de não só compreendermos a diversidade linguística regional e brasileira, mas de entender o processo de constituição de uma língua.</p>

⁵ Recortada da tese *A constituição do léxico norte mato-grossense na perspectiva geolinguística: abordagens sócio-semântico-lexicais*, desenvolvida na Universidade de São Paulo.

<p>Teses, dissertações, dados de monografias, artigos, conteúdo de jornais e revistas impressos e <i>on-line</i> de circulação regional, dados audiovisuais capturados no contexto geopolítico, sociolinguísticos e cultural mato-grossense e <i>corpus</i> de pesquisas já realizadas com pessoas comuns e formadores de opinião que residem em Sinop e região.</p>	<p>Comunidade sinopense</p>	<p>Doutoranda Olandina Della Justina Doutoranda Juliana Schweikart</p>	<p>Identificar como ocorre o uso de anglicismos e suas diferentes manifestações. Por conseguinte, no contexto sinopense proliferam com abundância os anglicismos e, desta maneira, entendemos ser um ambiente de pesquisa profícuo no qual valores e significados são atribuídos ao uso destes vocábulos. Assim, é nosso intuito compreender como as pessoas os usam e o que pensam sobre este ato, bem como acerca da sua presença em nosso contexto.</p>
<p>Teses, dissertações, artigos, materiais de pesquisas em andamento para compor o banco de dados <i>on-line</i> e materialidades históricas (fotografias, cartas, folders, textos e etc.) e culturais das diferentes regiões mato-grossenses.</p>	<p>Regiões mato-grossenses</p>	<p>Doutorando Selmo Ribeiro Figueiredo Júnior</p>	<p>Contribuir na alimentação do banco de dados <i>on-line</i>, pois favorecerá o acesso por parte dos participantes deste projeto e, adicionalmente, permitirá o acesso por outros pesquisadores interessados, trazendo agilidade na consecução de resultados e socializar aspectos geográficos, históricos e culturais das diferentes regiões mato-grossenses.</p>
<p>Teses, dissertações, dados de monografias, artigos, dados orais e/ou audiovisuais</p>			<p>Verificar como o “r” forte de início de sílaba e o “r” de final de sílabas se realizam foneticamente. Nós aqui no Norte mato-grossense somos</p>

<p>capturados no contexto geopolítico, sociolinguísticos e cultural mato-grossense provindos de pesquisas já realizadas com pessoas que residem em Sinop e região: material de entrevistas orais, de programas da mídia oral: rádio, televisão e <i>on-line</i>.</p>	<p>Contexto Norte mato-grossense</p>	<p>Ms. Terezinha Della Justina</p>	<p>constituídos de mistura de gentes que vêm de várias regiões do Brasil e, mesmo que do Sul tenha vindo um número maior, não dá para desconsiderar que possam estar ocorrendo misturas entre os falares provindos dos contextos diversos ou ainda que algum(s) esteja(m) sobrepondo o(s) outro(s).</p>
<p>O <i>corpus</i> deste estudo será composto de dados coletados por meio de entrevistas já realizadas em teses, dissertações, dados de monografias e artigos que delimitaram o Norte mato-grossense como espaço de pesquisa.</p>	<p>Norte do Estado de Mato Grosso</p>	<p>Ms. Antônio Tadeu de Azevedo</p>	<p>Investigar as atitudes linguísticas dos migrantes em relação aos traços dialetais dos falantes (migrantes) que compõem a população do Norte do Estado de Mato Grosso. As atitudes serão observadas no <i>corpus</i> que norteará as reflexões sobre as possíveis implicações de suas crenças e atitudes.</p>

<p>Teses, dissertações, monografias, artigos, conteúdo de jornais e revistas impressos e <i>on-line</i> de circulação regional, bem como dados de telejornais locais.</p>	<p>Norte do Estado de Mato Grosso</p>	<p>Ms. Grasiela Veloso dos Santos</p>	<p>Coletar dados de usos e funcionamento de marcadores discursivos, característicos na fala dos moradores do Norte de Mato Grosso. Este levantamento, bem como a análise dos usos desse aspecto da língua, se faz necessário a fim de contribuir com o estudo do português falado no Norte mato-grossense e, conseqüentemente, comparar com outros estudos em regiões diferentes do Brasil, bem como contribuir com banco de dados que possam subsidiar outras pesquisas linguísticas.</p>
<p>Teses, dissertações, artigos, materiais de pesquisas em andamento para compor o banco de dados <i>on-line</i> e materialidades histórico-culturais (filmagens, fotografias, folders, propagandas, notificação de programas etc.).</p>	<p>Região Norte de Mato Grosso</p>	<p>Ms. Fernando Hélio Tavares de Barros</p>	<p>Contribuir na alimentação do banco de dados <i>on-line</i> com a identificação e descrição de minorias linguísticas, na região Norte mato-grossense, em destaque às línguas indígenas e às variedades linguísticas de base alemã e italiana, bem como fazer levantamento e coleta de dados sobre as atividades socioculturais desenvolvidas por tais identidades.</p>

Resultados primevos: o banco de dados *on-line*

Desde as primeiras reuniões realizadas pelos integrantes do projeto para discussão dos trabalhos a serem desenvolvidos, esse ponto surgiu como imprescindível; vale lembrar que os primeiros encontros começaram a acontecer no mês de agosto de 2013. Dessa forma, como atividade inicial, realizaram-se levantamentos bibliográficos sobre as pesquisas científicas feitas por pesquisadores mato-grossenses na área de geolinguística e de sociolinguística. Parte deste material já se encontra coletado e disponibilizado no *site*.

Para a consulta deste banco de dados, que se pretende em permanente construção, basta acessar o endereço <http://sinop.unemat.br/projetos/divalimt/index.php>. Abaixo, destacam-se a apresentação do *site* e as páginas em que se acomodam as teses, dissertações, obras e artigos.

Além da publicação de teses, monografias e artigos advindos de atividades científicas ligadas à área em estudo, o *site* deixa espaço para os dados sobre diversidade linguística e de comportamentos socioculturais que estão sendo coletados em distintas comunidades de Mato Grosso, resultantes das pesquisas individuais dos integrantes da equipe. Vale ressaltar que a coleta de dados dessas pesquisas tem se pautado, fundamentalmente, em *corpus* provindo de estudos científicos já realizados, ou ainda de materialidades impressas e orais apreendidas em programas da mídia: rádio, televisão, jornal, revista e *on-line*.

Caso haja necessidade, estes dados serão acrescidos por entrevistas com idas a campo, as quais, por razões éticas, conforme a legislação vigente sobre a ética em pesquisa científica, terão a identidade dos sujeitos entrevistados preservada. Os dados coletados de fala, por sua vez, estão sendo transcritos e adaptados de acordo com as normas de transcrição elaboradas para o projeto VALCO (Projeto de Variação Linguística no Centro-Oeste), no intuito de padronizar as entrevistas e facilitar a consulta por outros interessados.

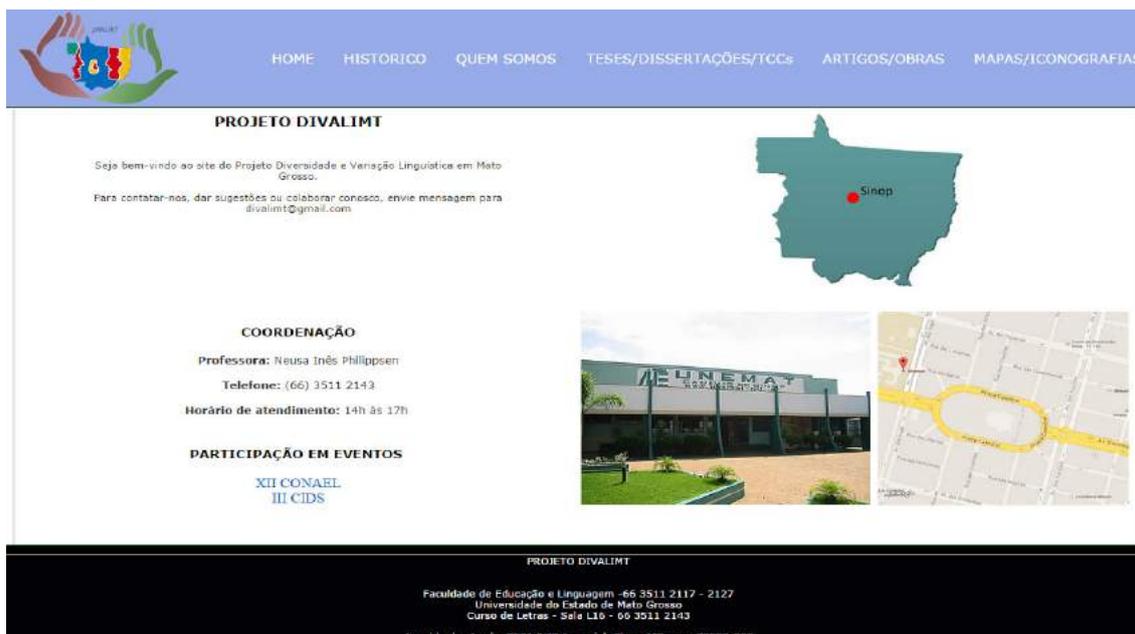


Fig. 01: Apresentação do Site – Página Inicial

DATA	AUTOR(ES)	TÍTULO
2014	GRASIELA VELOSO DOS SANTOS	MANUSCRITOS MATO-GROSSENSES: DA FILOLOGIA À GRAMATICALIZAÇÃO
2014	CÁRLA REGINA DE SOUZA FIGUEIREDO	TOPOONÍMICA DA VARIACÃO DO PORTUGUÊS GAÚCHO EM ÁREAS DE CONTATO INTERVARIETAL NO MATO GROSSO
2014	FERNANDO HÉLIO TAVARES DE BARROS	MIGRAÇÃO E TERRITORIALIZAÇÃO DO ALENÃO E DO PORTUGUÊS COMO LÍNGUAS DE (I)MIGRAÇÃO EM PORTO DOS GAÚCHOS - MT: CONFIGURAÇÕES DO MULTILINGUÍSMO EM FRONTEIRA DA AMAZÔNIA
2014	JESSICA MARTINS MARACCINI	O TALIAN: OS PROCESSOS DE TRANSMISSÃO E MANUTENÇÃO LINGÜÍSTICA DA COMUNIDADE ITALO-GAÚCHA-NORTE-MATO-GROSSENSE
2013	NEUSA INÊS PHILIPPSEN	A CONSTITUIÇÃO DO LÉXICO NORTE MATO-GROSSENSE NA PERSPECTIVA GEOLINGÜÍSTICA: ABORDAGENS SOCIO-SEMÂNTICO-LEXICAIS
2012	SANDRA REGINA FRANCISCATTO BERTOLDO	INVESTIGAÇÃO DIALETOLÓGICA NO DISTRITO DE NOSSA SENHORA DA GUIA: ANÁLISE SEMÂNTICO-LEXICAL DE BAMBURRO, TACURU E BATERIA
2012	FERNANDO HÉLIO TAVARES DE BARROS	TALIAN, DO SUL PARA AMAZÔNIA: A COMUNIDADE ITALO-GAÚCHA-NORTE-MATO-GROSSENSE E SEUS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO COM A LÍNGUA DE ORIGEM, O VÊNITO SUL-RIO-GRANDENSE
2012	JOCINEIDE MACEDO KARIM	A COMUNIDADE SÃO LOURENÇO EM CÁCERES-MT: ASPECTOS LINGÜÍSTICOS E CULTURAIS

Fig. 02: Teses e Dissertações



OBRAS		
DATA	AUTOR(ES)	TÍTULO
1909	EDUARDO DE NORONHA	O GUIA DE MATO GROSSO

ARTIGOS		
DATA	AUTOR(ES)	TÍTULO
2013	FERNANDO HÉLIO TAVARES DE BARROS; NEUSA INÊS PHILIPPSEN	O HUNSIÄCKISCHENTRE O HOCHDEUTSCH E O PORTUGUÊS BRASILEIRO: O CASO DO RÁDIO NA COMUNIDADE TEUTO-GAÚCHA NORTE-MATO-GROSSENSE
2012	ELIZANGELA PATRÍCIA MOREIRA DA COSTA VANESSA FABIOLA SILVA DE FARIÁ	ATITUDES LINGÜÍSTICAS DE MIGRANTES SULISTAS EM MATO GROSSO: UM ESTUDO EM SINOP
2010	JOSÉ LEONILDO LIMA CASSIA REGINA TOMAZINI VALÉRIA FÁRIA CARDOSO	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DO ALIMATI: O DOCUMENTADOR, O INFORMANTE E A ENTREVISTA
2009	MARIA INÊS PAGLIARINI COX	ESTUDOS LINGÜÍSTICOS NO/DO MATO GROSSO - O FALAR CUIABANO EM EVIDÊNCIA
2004	CÁSSIA REGINA TAMANH	PRINCIPAIS TRAÇOS GRAMATICAIS DA FALA DE ALTO ARAQUAIA/MT

Fig. 03: Obras e artigos

Com relação às metas desta ação, pode-se destacar:

- Levantar a história das comunidades linguísticas pesquisadas por meio de pesquisa em fontes escritas e orais;
- Identificar, documentar e caracterizar variedades linguísticas em Mato Grosso;
- Identificar a permanência de línguas minoritárias no espaço de pesquisa, em especial a africana, a alemã e a italiana, assim como as atividades socioculturais por elas desenvolvidas;
- Disponibilizar um glossário de termos de origem africana e/ou termos próprios da fala dos moradores das comunidades quilombolas do Estado de Mato Grosso;
- Documentar e salvaguardar distintos fenômenos linguísticos em uso por cidadãos mato-grossenses;
- Contribuir para um levantamento nacional sobre a diversidade do português falado no Brasil;
- Socializar os resultados das pesquisas geo-sociolinguísticas apreendidos em Mato Grosso com os demais pesquisadores nacionais e internacionais da área, assim como divulgar a toda comunidade externa os trabalhos desenvolvidos na universidade, com o intuito de promover a articulação entre a universidade e demais profissionais, especialmente docentes de escolas públicas.

Considerações Finais

Por compreender-se que as ações humanas estão vinculadas à língua e, mais especificamente, às formas particulares de sua realização, que representam o comportamento linguístico e sociocultural dos falantes, esse projeto de pesquisa visa conhecer e registrar as diferentes formas de falar de distintas comunidades mato-grossenses.

Espera-se, também, contribuir qualitativamente com a incipiente pesquisa geosociolinguística realizada em Mato Grosso, em especial aos projetos de pesquisa desenvolvidos pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, com o propósito de (re)constituir as variedades/diversidades linguísticas e histórico-culturais do Estado, assim como oferecer aos estudiosos da língua portuguesa e de línguas minoritárias, aos professores, aos lexicógrafos, aos gramáticos e aos interessados em pesquisas linguísticas um estudo interpretativo e reflexivo do caráter multidialetal existente na região.

A divulgação dos resultados alcançados pelos distintos recortes temáticos propostos irá ser realizada, além de sua inclusão no banco de dados *on-line*, em eventos locais, regionais, nacionais e internacionais, bem como por publicações em obras e/ou periódicos da área ao longo das etapas de elaboração processuais, pois se compreende que informações científicas devem ser divulgadas e socializadas como possibilidade de novas fontes de pesquisa a partir das reflexões e olhares analíticos verificados desde as fases iniciais de constituição do trabalho até os gestos finalizadores.

O intuito maior dessa pesquisa, portanto, é socializar materiais geosociolinguísticos coletados, descritos e analisados, para que possam ser cotejados com a diversidade do português falado no Brasil, ou, ainda, comparados com dados colhidos futuramente nos mesmos espaços mato-grossenses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Campus Universitário de Sinop. <http://www.novoportal.unemat.br/index.php?pg=campus&idc=3>. Acessado em 07 de jan. de 2015.

Cardoso, Suzana Alice Marcelino. 1999. A Dialectologia no Brasil: Perspectivas. *D.E.L.T.A*, Vol. 15, Nº Especial, p.233-255.

_____. 2010. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial.

Coseriu, Eugênio. 1979. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. São Paulo: Presença.

_____. 1982. A geografia linguística. In: _____. *O homem e sua linguagem*. Trad. de Carlos Alberto de Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença/São Paulo, Universidade de São Paulo.

Ferreira, Carlota; Cardoso, Suzana Alice. 1994. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto.

Isquierdo, Aparecida Negri. 2004. De Nascentes ao ALiB: a propósito da definição da rede de pontos em pesquisas geolinguísticas no Brasil. In: *Anais do II Encontro Nacional do GELCO: integração linguística, ética e social*. Goiânia/GO, p.390-398.

Labov, William. 2008. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria M. P. Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial.

_____. 1972. *Sociolinguistics Patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

_____. 1966. *The stratification of English in New York city*. Washington, D. C., Center for Applied Linguistics.

Nascentes, Antenor. 1958-1961. *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil*. I e II. Rio de Janeiro: MEC, Casa de Rui Barbosa.

_____. 1953. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões.

Oliveira, Dercir Pedro de. 2005. O Estudo Dialetológico no Brasil: a volta ou a sedimentação de uma metodologia de trabalho? In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. (org) *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel.

Pontes, Ismael. 2000. Atlas Lingüístico do Brasil (Alib): perspectivas teórico-metodológicas. *Acta Scientiarum* 22(1):1-6.

Projeto Atlas Linguístico do Brasil. *Objetivos*. Disponível em <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/AlibObjetivos>. Acesso em 16 de nov. de 2014.

Projeto Divalim. 2014. *Página Inicial. Teses e Dissertações. Artigos e obras*. Disponível em <http://sinop.unemat.br/projetos/divalim/index.php>. Acesso em 02 de abr. de 2015.

Sá, Edmilson José de. 2011. O léxico na região Nordeste: questões diatópicas. *ReVEL*, v. 9, n. 17.

Santos, Irenilde Pereira. 2006. Proposta de análise do aspecto semântico-lexical em atlas lingüísticos regionais brasileiros. In: CUNHA, Cláudia de Souza. (org.). *Estudos geosociolingüísticos*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas. p. 83-97.

_____. 2012. Sociogeolinguística e interação face a face: diálogo possível. In: Santos, Irenilde Pereira. (Org.); Cristianini, Adriana Cristina. (Org.). *Sociogeolinguística em questão: reflexões e análises*. São Paulo: Paulistana.

Tarallo, Fernando. 2007. *A pesquisa sociolingüística*. 8ª ed. São Paulo: Ática.